

CADERNO DE RESUMOS

Congresso Internacional O Romance Histórico em Língua Portuguesa: repensando o século XIX

25 a 29 de setembro de 2017

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP)

Av. Prof. Luciano Gualberto, 417, Cidade Universitária, São Paulo-SP

Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (UNESP)

R. Cristóvão Colombo, 2265, Jardim Nazareth, São José do Rio Preto-SP



Comissão Organizadora

Paulo Motta Oliveira (USP)

Luciene Marie Pavanelo (UNESP)

Carla Carvalho Alves (Pós-Doutora USP)

Flávia Nascimento Falleiros (UNESP)

Lúcia Granja (UNESP)

Orlando Nunes de Amorim (UNESP)

O ROMANCE HISTÓRICO EM LÍNGUA PORTUGUESA: REPENSANDO O SÉCULO XIX

Objeto de estudo de pesquisadores renomados ao longo do século XX, o romance histórico ainda suscita questões que precisam ser discutidas. Apesar de sua importância incontornável, mesmo o magistral *O Romance Histórico* (1955) de György Lukács tem fomentado debates com relação às categorias que nele definem o subgênero (JAMESON, 2007; ANDERSON, 2007). Por outro lado, como mostram Roberto Schwarz (1977), Franco Moretti (1997) e Silviano Santiago (1971), não é possível pensarmos nos romances produzidos nos países periféricos – principalmente as produções do século XIX – com as mesmas categorias utilizadas para analisar as obras produzidas nos países centrais – um outro processo social há de pedir uma outra forma literária. Se no século XIX o Brasil ocupava, em termos macroeconômicos, a periferia do capitalismo, Portugal também se posicionava nesse espaço em relação à França e à Inglaterra, como aponta Boaventura de Sousa Santos (1994).

Em 2017 celebram-se os 150 anos da publicação de *O Senhor do Paço de Ninães*, de Camilo Castelo Branco, e os 160 anos da publicação de *O Guarani*, de José de Alencar, obras representativas do subgênero histórico nas periferias do capitalismo, que certamente possuem as suas particularidades, sendo mais do que reproduções dos modelos importados dos centros. Para além desses dois autores, Alexandre Herculano costuma ser apontado como o grande modelo do romance histórico em língua portuguesa, mas mesmo a sua obra ainda merece revisitação. Além disso, há vários outros escritores oitocentistas portugueses e brasileiros que foram mais ou menos esquecidos pela história literária, mas cujo estudo pode ajudar a compreender melhor as características e as expectativas de leitura deste que foi um dos subgêneros mais consagrados entre o público e a crítica oitocentista.

Partindo dessas questões, o congresso pretende propor novas abordagens para o romance histórico produzido em Portugal e no Brasil do século XIX, desde a narrativa produzida pelos primeiros romancistas em língua portuguesa até as obras finisseculares, que apontam para um outro olhar sobre as nações portuguesa e brasileira, bem como os possíveis diálogos que podem ser estabelecidos entre essas produções e a literatura e as outras artes de outros países e épocas, destacando-se a contemporaneidade.

Com o objetivo de ampliar a partilha de informações entre investigadores dos dois lados do Atlântico acerca dessas questões, a Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo e a Pós-Graduação em Letras do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, com o apoio do Centro de Estudos das Literaturas e Culturas de Língua Portuguesa da USP, em parceria com a Universidade do Minho, a Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3 e a Università degli Studi Roma III, realizarão o Congresso Internacional “O Romance Histórico em Língua Portuguesa: repensando o século XIX”, entre os dias 25 e 29 de setembro de 2017. O evento será dividido em duas fases: a primeira etapa, nos dias 25 e 26 de setembro de 2017 na USP, em São Paulo, capital, e numa segunda etapa, nos dias 28 e 29 de setembro no IBILCE/UNESP, em São José do Rio Preto.

COMISSÃO CIENTÍFICA

Prof. Dr. Paulo Motta Oliveira (USP)

Profª Dra. Luciene Marie Pavanelo (UNESP)

Profª Dra. Carla Carvalho Alves (Pós-Doutora USP)

Profª Dra. Flávia Nascimento Falleiros (UNESP)

Profª Dra. Lúcia Granja (UNESP)

Prof. Dr. Orlando Nunes de Amorim (UNESP)

Prof. Dr. Giorgio de Marchis (Università degli Studi Roma III)

Profª Dra. Maria Cristina Pais Simon (Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3)

Prof. Dr. Sérgio Guimarães de Sousa (Universidade do Minho)

COMISSÃO ORGANIZADORA

Prof. Dr. Paulo Motta Oliveira (USP)

Profª Dra. Luciene Marie Pavanelo (UNESP)

Profª Dra. Carla Carvalho Alves (Pós-Doutora USP)

Profª Dra. Flávia Nascimento Falleiros (UNESP)

Profª Dra. Lúcia Granja (UNESP)

Prof. Dr. Orlando Nunes de Amorim (UNESP)

Daiane Cristina Pereira (USP)

Giuliano Lellis Ito Santos (USP)

Leonardo de Atayde Pereira (USP)

Daiane de Cássia Martins Fazan (UNESP)

Edna Carla Stradioto (UNESP)

Érika Shigaki Lisbôa Aidar (UNESP)

Gabriela Fardin Fernandes (UNESP)

Jean Carlos Carniel (UNESP)

Jesyka Leticia Lemos Jaqueta (UNESP)

Lilian Tigre Lima (UNESP)

Lucas de Castro Marques (UNESP)

Moisés Baldissera da Silva (UNESP)

Odair Dutra Santana Júnior (UNESP)

PROGRAMAÇÃO – MESAS PLENÁRIAS

SÃO PAULO – FFLCH/USP

25/09/2017 – 2ª feira

Auditório Nicolau Sevcenko (Prédio de História)

8h30/11h: Abertura - Os primórdios da ficção histórica em língua portuguesa

Coord: Paulo Motta Oliveira (USP)

- Maria Helena Santana (Universidade de Coimbra): "A idealização do poder na ficção histórica de Herculano e Garrett"
- Isabel Pires de Lima (Universidade do Porto): "A *Dama Pé de Cabra* entre séculos: Herculano, Paula Rego, Adriana Molder"

11h/11h30: Coffee-break

11h30/12h30: A História portuguesa no cinema e nas artes plásticas

Coord: Orlando Grossege (Universidade do Minho)

- Maria do Rosário Lupi Bello (Universidade Aberta): "A História de Portugal no cinema de Manoel de Oliveira. Testemunho visual de um camiliano"
- Sandra Leandro (Universidade de Évora): "Imagens para um romance histórico: identidade nacional em fantasias bi e tridimensionais"

12h30/14h30: Almoço

14h30/16h: Sessões de comunicação (programação à parte)

16h/16h30: Coffee-break

16h30/18h: A História brasileira segundo Machado, Taunay e Macedo

Coord: Giorgio de Marchis (Universidade de Roma III)

- Marli Fantini (UFMG): "Repetição e (pouca) diferença em *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis"
- Eduardo Vieira Martins (USP): "Visconde de Taunay: a história como narrativa"
- Maria Lúcia Dias Mendes (UNIFESP): "Joaquim Manoel de Macedo entre a História e a Ficção"

18h/18h30: Coffee-break

18h30/20h30: Portugal e sua História pela literatura

Coord: Maria Cristina Pais Simon (Université Sorbonne Nouvelle – Paris III)

- Luis Maffei (UFF/FAPERJ): "O Camões de Garret: que(m) é este poeta"

- Carla Carvalho Alves (USP): "A ficção histórica de Alexandre Herculano"
- Eduino José de Macedo Orione (UNIFESP): "História e escrita de si em A ilustre Casa de Ramires"
- Rosana Apolonia Harmuch (UEPG): "Gonçalo Ramires e Fradique Mendes às voltas com a escrita da história"

26/09/2017 – 3ª feira
Auditório Nicolau Sevcenko (Prédio de História)

8h/9h30: O romance histórico português e brasileiro e suas relações

Coord: Albertina Pereira Ruivo (Université Paris-Sorbonne – Paris IV)

- Jane Adriane Gandra (UEG): "O romance histórico de Pinheiro Chagas"
- Osmar Pereira Oliva (UNIMONTES): "Entre rios e ruínas: José de Alencar leitor de Alexandre Herculano"
- Artur Emilio Alarcon Vaz (FURG): "A formação do romance sul-rio-grandense no século XIX"

9h30/10h: Coffee-break

10h/12h: O romance histórico de José de Alencar

Coord: Philippe Simon (Université de Paris-Sorbonne)

- José Alcides Ribeiro (USP): "Aspectos do romance histórico em Fenimore Cooper, Alexandre Dumas e José de Alencar"
- Marcos Flaminio Peres (USP): "O herói passivo em Walter Scott e José de Alencar"
- Ricardo Souza de Carvalho (USP): "Confluências entre o romance histórico de José de Alencar e a narrativa da história de Euclides da Cunha"
- Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante Ribeiro (PUC-Goiás): "Aspectos do romance histórico em José de Alencar"

12h/14h: Almoço

14h/15h30: Sessões de comunicação (programação à parte)

15h30/16h: Coffee-break

16h/17h30: Camilo Castelo Branco e o romance histórico

Coord: Sérgio Guimarães de Sousa (Universidade do Minho)

- Patrícia da Silva Cardoso (UFPR): "A perspectiva ficcional da história a partir do narrador de *O Senhor do Paço de Ninães*"
- Luci Ruas (UFRJ): "Entre espaços ficcionais, memória e história se entrecruzam"
- Germana Sales (UFPA): "O Senhor do Paço de Ninães e o acervo da Camiliana no Grêmio Literário Português do Pará"

17h30/18h: Coffee-break

18h/20h: Encerramento – A ficção histórica em Portugal e no Brasil

Coord: Carla Carvalho Alves (USP)

- Pedro Schacht Pereira (The Ohio State University): "Um *flirt* queirosiano com o romance histórico: *A Relíquia*, o orientalismo e a crítica da civilização oitocentista"
- Luciene Marie Pavanelo (UNESP): "*O Bobo* de Herculano e seus modelos *Ivanhoé* e *Notre Dame de Paris*: a versão portuguesa da formação de uma nação"
- Flávia Nascimento Falleiros (UNESP): "Influências francesas no romance histórico brasileiro: uma leitura de *O Guarani*, de José de Alencar"
- Lucia Granja (UNESP): "*O guarani*, matéria histórica e ficção da atualidade"

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – IBILCE/UNESP

28/09/2017 – 5ª feira
Auditório C

10h/12h: Abertura – O romance histórico português

Coord: Luciene Marie Pavanelo (UNESP)

- Sérgio Guimarães de Sousa (Universidade do Minho): "Romance histórico e ficção camiliana"
- Giorgio de Marchis (Universidade de Roma III): "Os romances dos Centenários"

12h/14h: Almoço

14h/15h30: Sessões de comunicação (programação à parte)

15h30/16h: Coffee-break

16h/17h30: A ficção histórica brasileira e sua presença na Europa

Coord: Lúcia Granja (UNESP)

- Philippe Simon (Université de Paris-Sorbonne): "*O Guarani* em França e na Itália"
- Norma Wimmer (UNESP): "Eduardo de Noronha: *O Guia de Mato Grosso*"
- Ulisses Infante (UNESP): "*Guerra dos Mascates* e o ensimesmamento da narrativa histórica"

17h30/18h: Coffee-break

18h/19h: O romance histórico de Herculano a Camilo

Coord: Henrique Marques Samyn (UERJ)

- Albertina Pereira Ruivo (Université Paris-Sorbonne – Paris IV): "Entre realidade e ficção: *Eurico, o Presbítero*, de Alexandre Herculano"
- Orlando Nunes de Amorim (UNESP): "O indesejado: Camilo, Sena e o anti-sebastianismo"

29/09/2017 – 6ª feira
Auditório C

10h/12h: Relações entre o romance histórico oitocentista e a contemporaneidade

Coord: Flávia Nascimento Falleiros (UNESP)

- Edvaldo A. Bergamo (UnB): "O índio no romance histórico brasileiro: *O Guarani* e depois"
- Marilene Weinhardt (UFPR): "Ficcionalizações da Guerra dos Farrapos"
- Silvana Maria Pessôa de Oliveira (UFMG): "O romance histórico segundo Agustina Bessa-Luis: os casos de *Santo António* (1979) e *A monja de Lisboa* (1985)"
- Rogério Max Canedo (UFG): "Dois séculos do romance histórico português: a leitura da história em *O Bobo*, de Alexandre Herculano e em *História do Cerco de Lisboa*, de José Saramago"

12h/14h: Almoço

14h/15h30: Sessões de comunicação (programação à parte)

15h30/16h: Coffee-break

16h/17h30: Perspectivas do romance histórico em Camilo e Eça

Coord: Giorgio de Marchis (Universidade de Roma III)

- Orlando Grossegeisse (Universidade do Minho): "O problema do diletantismo e a 'tentação' do romance histórico em Eça de Queiroz"
- José Cândido de Oliveira Martins (Universidade Católica Portuguesa): "O romance histórico de Camilo Castelo Branco e a literatura trágico-marítima"
- Henrique Marques Samyn (UERJ): "Experiência (amorosa) e masculinidade (romântica) em *O santo da montanha*"

17h30/18h: Coffee-break

18h/19h: Encerramento – A História portuguesa segundo a ficção oitocentista

Coord: Orlando Nunes de Amorim (UNESP)

- Paulo Motta Oliveira (USP): "De Camilo a Alencar, passando por Garrett: a morte de Portugal"
- Maria Cristina Pais Simon (Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3): "As invasões napoleónicas no romance histórico português de oitocentos"

PROGRAMAÇÃO - MESAS SIMULTÂNEAS

SÃO PAULO – FFLCH/USP

25/09/2017 – 2ª feira – 14h30/16h
Prédio de Letras

Sessão 1: Romancistas históricos portugueses do século XIX (sala 266)

Coord: Eduino José de Macedo Orione (UNIFESP)

- Cristiane Navarrete Tolomei (UFMA): "A 'Verdade' e a 'Verossimilhança' em *O Monge de Cister* de Alexandre Herculano"
- Giuliano Lellis Ito Santos (USP): "Críticas ao nacionalismo ingênuo: Eça de Queirós e Lima Barreto"
- Leonardo de Atayde Pereira (USP): "O romance histórico de Antônio Maria de Campos Júnior (1850-1917): a apresentação de um autor"

Sessão 2: A leitura de Machado de Assis sobre o Brasil (sala 261)

Coord: Marli Fantini (UFMG)

- Daniela Mantarro Callipo (UNESP): "Batalhas históricas, batalhas familiares: conflito e interesse em *Quatrevingt-treize* de Victor Hugo (1874) e *Iaiá Garcia* (1878) de Machado de Assis"
- José Alonso Tôrres Freire (UFMS): "*Casa Grande & Senzala* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: Dois romances das intimidades?"
- Alana de O. Freitas El Fahl (UEFS) e Flávia Aninger de Barros Rocha (UEFS): "*Memórias Póstumas de Brás Cubas*: fragmentos para um romance histórico"

Sessão 3: José de Alencar e o romance histórico (sala 263)

Coord: Maria Lúcia Dias Mendes (UNIFESP)

- Ivana Ferrante Rebello (UNIMONTES): "A voz da ará: tradição e ruptura no romance *Iracema*, de José de Alencar"
- Rafaela Mendes Mano Sanches (UNICAMP): "Sob o signo de Ahasverus: a representação dos judeus no romance histórico de José de Alencar"
- Ana Beatriz Demarchi Barel (UEG): "Processo histórico e formação da nação: o herói e o romance histórico do século XIX"

Sessão 4: A representação histórica brasileira em Alencar e Machado (sala 262)

Coord: Rosana Apolonia Harmuch (UEPG)

- Tiago Ferreira da Silva (UnB): "Cousas futuras e passadas – história e religião em *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis"

- Denise de Lima Santiago Figueiredo (UESC): "*O Guarani*: O Romance de José de Alencar na Ópera de Carlos Gomes"
- Ricardo Russano dos Santos (USP): "José de Alencar entre a história e a sátira"

26/09/2017 – 3ª feira – 14h/15h30
Prédio de Letras

Sessão 5: Redescobrimo a ficção histórica brasileira oitocentista I (sala 266)

Coord: Artur Emilio Alarcon Vaz (FURG)

- Kelly Cristina Benjamim Viana (UNESPAR): "A Cinderela Negra? Representações de raça e gênero nos romances históricos sobre Chica da Silva"
- Raimunda Celestina Mendes da Silva (UESPI): "O romance histórico no Piauí: *Ataliba, o vaqueiro* de Francisco Gil Castelo Branco"
- Ednaldo Cândido Moreira Gomes (UNICAMP/UNIFESSPA): "*Maurício ou os Paulistas em São João del-Rei*: mimesis oitocentista sob o prisma crítico e ficcional de Bernardo Guimarães"

Sessão 6: A presença de Eça e Camilo na ficção histórica (sala 261)

Coord: Luci Ruas (UFRJ)

- Daiane Cristina Pereira (USP): "As personagens femininas em *O Bobo* e em *A Ilustre Casa de Ramires*"
- José Carvalho Vanzelli (USP/FAPESP): "*O Senhor do Paço de Ninães* e o orientalismo camiliano"
- Luana Signorelli Faria da Costa (UNICAMP): "Passeio lusitano-germânico: comparação entre *Os Maias* de Eça de Queirós e *Os Buddenbrook* de Thomas Mann"

Sessão 7: O romance histórico de Herculano e Garrett (sala 262)

Coord: Luis Maffei (UFF)

- Eduardo Soczek Mendes (UFPR): "O manuscrito deu origem ao romance histórico ou o romance deu origem ao manuscrito? A atualização de Códices em Alexandre Herculano"
- Maria do Rosário Alves Moreira da Conceição (UERJ): "A recepção do romance histórico *O Arco de Sant'Ana* nos periódicos portugueses do século XIX"

Sessão 8: Redescobrimo a ficção histórica brasileira oitocentista II (sala 263)

Coord: Germana Sales (UFPA)

- Juliane Cardozo de Mello (FURG): "O Romance histórico no extremo Sul do Brasil: um estudo dos romance-folhetim"
- Linda Maria de Jesus Bertolino (UnB): "Pedacos de vida: a experiência e a História"
- Marcos Vinícius Lima de Almeida (PUC-SP/FAPESP): "Januário Garcia, O Sete Orelhas: história, ficção e lenda"

Sessão 9: A História brasileira em Machado e Martins Pena (sala 264)

Coord: Jane Adriane Gandra (UEG)

- Marli Lobo Silva (PUC-GO): "A representação histórica e literária em *Esaú e Jacó*"
- Suéllen Silva Varela e José Alonso Torres Freire (UFMS): "A História em *Dom Casmurro*: a política do favor e o alcoviteiro"
- Renan Carvalho da Silva e José Alonso Torres Freire (UFMS): "Dissonâncias dos Comportamentos padrões femininos em personagens de Martins Pena"

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – IBILCE/UNESP

28/09/2017 – 5ª feira – 14h/15h30

Sessão 1: Representação histórica do Brasil na literatura (Auditório C)

Coord: Marilene Weinhardt (UFPR)

- Stanis David Lacowicz (UFPR): "Memórias da malandragem na ficcionalização da história brasileira: *O Chalaça* (1994) e *Era no tempo do rei* (2007)"
- André Luiz Gardesani Pereira (UNESP): "Figuração literária da justiça indígena em *O Guarani*: um diálogo entre literatura, história e direito"
- Maraiza Almeida Ruiz de Castro (UNESP): "Entre a racionalidade e a insanidade: *Quincas Borba*, de Machado de Assis"

Sessão 2: José de Alencar e o romance histórico (sala 1C)

Coord: Edvaldo Bergamo (UnB)

- Lilian Tigre Lima (UNESP): "A conciliação dos planos histórico e individual em Balzac e Alencar"
- Lucas Bento Pugliesi (USP/UFRJ): "Os muitos nós do cipó da floresta: *Ubirajara* entre os usos da retórica no oitocentos"
- Jesyka Leticia Lemos Jaqueta (UNESP): "Adaptação de *O Guarani*, da Editora L&PM, para neoleitores"

Sessão 3: Romancistas históricos brasileiros do século XIX (Anfiteatro I)

Coord: Rogério Max Canedo (UFG)

- Gustavo Zambrano (UNESP): "*O Demônio do Ouro* e *As Mulheres de Mantilha*: o romance histórico português e brasileiro na teoria de Gyorgy Lukács"
- Jander Antonio Sá de Araujo (UFRJ): "O papel das letras em *Memórias da Rua do Ouvidor*: moda, salões e folhetins"
- Paulo Ricardo Moura da Silva (UNESP): "O documentalismo como uma das técnicas representacionais realistas no romance histórico brasileiro"

Sessão 4: A História portuguesa em Herculano, Camilo e Abel Botelho (Anfiteatro II)

Coord: Silvana Maria Pessôa de Oliveira (UFMG)

- Gelbart Souza Silva (UNESP): "O amor e a mulher: análise da personagem feminina em *O Bobo*, de Alexandre Herculano"
- Fernanda de Aquino Araújo Monteiro (UFRJ): "Ninões como representação da (m)átria"
- Moisés Baldissera da Silva (UNESP): "*Amanhã*, além de um relato histórico"

29/09/2017 – 6ª feira – 14h/15h30

Sessão 5: Redescobrimos a ficção histórica brasileira oitocentista III (Auditório C)

Coord: Norma Wimmer (UNESP)

- Elisa dos Santos Prado (UNESP): "Preceitos Horacianos na composição e reescrita de *Inocência*"
- Ednaldo Cândido Moreira Gomes (UNICAMP/UNIFESSPA): "*História e tradições da Província de Minas*: mimesis ficcional oitocentista à luz dos textos críticos e ficcionais de Bernardo Guimarães"
- Odair Dutra Santana Júnior (UNESP): "O romance histórico pela tipografia do *Jornal do Commercio*: a publicação de Pereira da Silva em folhetim e livro"

Sessão 6: Escritores de língua inglesa em diálogo com romancistas portugueses e brasileiros (sala 4C)

Coord: Henrique Marques Samyn (UERJ)

- Lucas de Castro Marques (UNESP): "José de Alencar e Fenimore Cooper na visão dos críticos oitocentistas"
- Daiane de Cássia Martins Fazan (UNESP): "Das aproximações e distanciamentos em *O Arco de Sant'Ana*, de Almeida Garrett e *Norte e Sul*, de Elizabeth Gaskell"
- Gabriela Fardin Fernandes (UNESP): "O falso moralismo em *As Mulheres de Mantilha* (1870) e *Fanny Hill ou Memórias de uma Mulher de Prazer* (1748-9)"

Sessão 7: A contribuição da Geração de 70 para a ficção histórica (Anfiteatro II)

Coord: José Cândido de Oliveira Martins (Universidade Católica Portuguesa)

- Jean Carlos Carniel (UNESP): "A reescrita da História e a crítica social em 'A morte de Jesus', de Eça de Queirós"
- Carolina Lopes Batista (UFRJ): "Um tesouro histórico: o passado pela pena de Eça de Queirós"
- Fernanda Farias Freitas (UFRJ): "*Memorial do Convento* e o romance histórico em língua portuguesa: continuidade e ruptura"

MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS: FRAGMENTOS PARA UM ROMANCE HISTÓRICO

Alana de O. Freitas El Fahl
Flávia Aninger de Barros
UEFS

O presente trabalho busca apresentar uma leitura do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), a partir de uma filiação ao Romance Histórico, através de uma visão peculiar do autor sobre o que a tradição historiográfica entende como esse gênero. Em 1873, no ensaio *Instinto de Nacionalidade*, Machado de Assis defende a ideia de que um escritor, para falar de sua Pátria, necessariamente não precisa falar sobre índios, palmeiras e sabiás, numa evidente alusão aos motivos românticos. Para ele, o escritor deve ser dotado de um sentimento íntimo que o torne homem do seu tempo e do seu país. Percebemos que nesse romance, Machado de Assis desenvolve essa estratégia prenunciada pela sua faceta crítica oito anos antes, falando sobre o seu tempo e o seu país. Mostra, à sua maneira, uma leitura arguta do seu instinto de nacionalidade. Nesse romance incontornável, o autor, entre tantas outras temáticas exploradas, apresenta aos leitores fragmentos da História do Brasil e de sua nascente burguesia, através da representação metonímica de Brás e sua família. Retrato que nos propomos a ampliar nesse artigo através da leitura da obra, que em si mesma é tudo.

ENTRE REALIDADE E FICÇÃO: EURICO, O PRESBÍTERO, DE ALEXANDRE HERCULANO

Albertina Pereira Ruivo
UNIVERSITÉ SORBONNE NOUVELLE – PARIS 3

Ao escrever *Eurico, o Presbítero*, Alexandre Herculano criou uma das obras-primas do Romance Histórico, onde literatura e fatos históricos se coadunam. O autor traz um

personagem da Idade Média para criar um herói e desenvolver novas perspectivas. Depois das invasões francesas Portugal encontra-se em plena decadência, assim o autor ao introduzir o mito do Cavaleiro Negro que vem salvar os amargurados, tenciona dar entusiasmo aos portugueses. O ideal romântico também está presente através da sentimentalidade, do amor não correspondido e da representação do herói que vem salvar a amada. Num primeiro tempo observaremos como são pousados os marcos históricos no momento das invasões árabes e da preparação da destruição do império visigótico. Em seguida veremos como este período histórico se harmoniza com a ficção.

PROCESSO HISTÓRICO E FORMAÇÃO DA NAÇÃO: O HERÓI E O ROMANCE HISTÓRICO DO SÉCULO XIX

Ana Beatriz Demarchi Barel
UEG

Nosso trabalho aproxima três importantes obras literárias históricas do século XIX, sendo duas francesas e uma brasileira: *Les aventures du dernier Abencérage* (1821), de François-René de Chateaubriand, *Les Machakalis* (1824), de Ferdinand Denis e *O Guarani* (1857), de José de Alencar, destacando as estratégias de tratamento, pelo texto ficcional, da matéria épica e da construção do herói. Nosso texto explicita as apostas teóricas e estéticas de seus autores para erigir uma Literatura nacional nesses países, debater o processo de formação histórica dos Estados-Nação europeus e brasileiro e indicar os caminhos escolhidos para a fundação de uma identidade nacional literária.

FIGURAÇÃO LITERÁRIA DA JUSTIÇA INDÍGENA EM O GUARANI: UM DIÁLOGO ENTRE LITERATURA, HISTÓRIA E DIREITO

André Luiz Gardesani Pereira
UNESP

Este estudo aborda o sentimento de justiça do índio, baseado na identidade selvagem e na lei do talião, utilizando como fonte literária e histórica a obra *O Guarani* (1857), de José de Alencar. Adota como ponto de partida conceitos e premissas dos estudos de Lukács, Jameson e Anderson sobre o romance histórico. Também se aporta em diversos instrumentais teóricos sobre os romances históricos produzidos no Novo Mundo e nas reflexões de Montaigne sobre os povos que habitavam o Brasil na época do descobrimento, seus costumes e tradições. A inter-relação entre história e direito, fundada, sobretudo na Escola Histórica do Direito, que parte do pressuposto de que as normas jurídicas originam-se da evolução histórica e sua essência estaria no conjunto de costumes dos grupos sociais, bem como as interfaces entre direito e literatura também se amoldam ao conjunto de abordagens teóricas adotadas. Completam o arcabouço teórico da pesquisa, os paralelos estabelecidos entre o otimismo e o pessimismo antropológico. Como resultado obter-se-á a ampliação e fusão dos horizontes de cada uma das áreas do conhecimento envolvidas, notadamente como forma de auxiliar a compreensão do sistema de justiça dos povos nativos, bem como do processo histórico de humanização das penas.

A FORMAÇÃO DO ROMANCE SUL-RIO-GRANDENSE NO SÉCULO XIX

Artur Emilio Alarcon Vaz
FURG

A comunicação pretende expor como ocorria a leitura e produção de romances no século XIX no Rio Grande do Sul, quando os primeiros autores gaúchos (ou que moravam no Rio Grande do Sul) começaram a escrever os primeiros romances e folhetins, estabelecendo o início da prosa sul-rio-grandense, décadas antes do surgimento do Partenon Literário e dos ideais regionalistas desse grêmio literário. Dessa forma, autores como Caldre e Fião, Carlos Eugênio Fontana, Koseritz e outros foram importantes para a formação do sistema literário sul-rio-grandense.

A FICÇÃO HISTÓRICA DE ALEXANDRE HERCULANO

Carla Carvalho Alves
USP

A obra ficcional de Alexandre Herculano abarca diversas possibilidades de elaboração dos fatos históricos, referentes ao contexto português medieval. A partir do confronto entre os romances *Eurico, o presbítero* e *O Bobo*, buscaremos estabelecer algumas reflexões sobre as particularidades da relação entre história e ficção, em cada uma dessas obras.

UM TESOURO HISTÓRICO: O PASSADO PELA PENA DE EÇA DE QUEIRÓS

Carolina Lopes Batista
UFRJ

Pensando nas questões propostas pelo Congresso Internacional de Romance Histórico em língua portuguesa, com o foco no século XIX, propõe-se analisar o conto “O tesouro” de Eça de Queirós (1894), buscando suas bases literárias – como os contos presentes em três livros: *Contos da Cantuária* (1478), *o Horto do esposo* (entre o final do século XIV e início do século XV) e *Contos e histórias de proveito e exemplo* (1575) – e suas bases históricas – pois o conto eciano se passa entre os séculos VIII e X. A partir dessas revisitações, pretende-se analisar como o autor Eça de Queirós bebeu dessas fontes não apenas para contar uma história de séculos atrás, mas também para levantar questões sobre sua própria época. Muito embora o objeto de estudo seja um conto e não um romance, “O tesouro” aborda, de forma reduzida, temas anteriormente trabalhados em alguns de seus romances, porém, desta vez, em um diálogo com a História – e esse será, justamente, o foco da análise. Para tal, serão usados textos de autores como Cleonice Berardinelli, Carlos Reis, Aurélio Buarque de Holanda, Castelo Branco Chaves, Oliveira Martins, David Birmingham, entre outros.

A "VERDADE" E A "VEROSSIMILHANÇA" EM O MONGE DE CISTER DE ALEXANDRE HERCULANO

Cristiane Navarrete Tolomei
UFMA

No terreno movediço onde se interceptam literatura e história situa-se *O Monge de Cister* (1848), do escritor português Alexandre Herculano, obra que exemplifica o gênero narrativo conhecido como romance histórico. Nessa obra tem-se recriado determinado período da história portuguesa medieval, mais especificamente o reinado de D. João I (1385-1433), com ênfase no ano de 1389. O romance apresenta, conseqüentemente, uma localização temporal e espacial bem definida, integrando, num mesmo ambiente, personagens históricas e ficcionais e referência a instituições e grupos sociais comprovados historicamente. *O Monge de Cister* é um relato de Lisboa do final do século XIV, focalizando também épocas anteriores e também subsequentes ao século XIX. O romance apresenta um caráter dinâmico, assinalando as mudanças decorridas na história de Portugal, utilizando o narrador de digressões para jogar com os diferentes tempos. Em vista disso, esta comunicação traz uma leitura de *O Monge de Cister* com o objetivo de analisar a linha tênue entre verdade e verossimilhança na obra literária romântica na reconstituição da época de D. João I, pelo viés ficcional, pois a literatura e a história se interpenetram, se fundem e se completam dentro da obra em questão.

AS PERSONAGENS FEMININAS EM O BOBO E EM A ILUSTRE CASA DE RAMIRES

Daiane Cristina Pereira
USP

Este trabalho pretende analisar comparativamente as personagens femininas de *O Bobo*, de Alexandre Herculano e de *A Ilustre Casa de Ramires*, de Eça de Queirós, visando observar como o segundo manipula a forma do romance histórico clássico, a fim de dar novo significado a ele. Enquanto no romance de Herculano, Dulce morre em nome de sua dignidade e de seu amor, no romance de Eça, D. Violante desaparece

como personagem e Gracinha é completamente manipulada pelo irmão. Dessa maneira, se compararmos as personagens dos romances, podemos observar, como parte resultado dos mandos e desmandos da aristocracia portuguesa do fim do século XIX, que a voz e a vida feminina são suplantadas em nome do poder e da honra masculino.

DAS APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS EM O ARCO DE SANT'ANA, DE ALMEIDA GARRETT E NORTE E SUL, DE ELIZABETH GASKELL

Daiane de Cássia Martins Fazan
UNESP

O presente trabalho objetiva a comparação das heroínas nos romances *O arco de Sant'Ana*, de Almeida Garrett, e *Norte e Sul*, de Elizabeth Gaskell. Tendo em vista as especificidades dos períodos em que ambas as narrativas foram escritas, aproximaremos os conflitos políticos que são figurados pelos escritores mencionados com a intenção de analisar como as lutas políticas e sociais são vivenciadas pelas personagens femininas: Gertrudes e Margaret Hale, respectivamente. Trabalharemos também com a relação dessas personagens com os elementos secundários das tramas, para refletir sobre as comoções populares que emergem delas (se reformadoras ou revolucionárias). Para tecer nossas reflexões, trabalharemos com as considerações de Eric Hobsbawm (2002), em *A era das revoluções*, e ponderações sobre a relação dialógica entre literatura e sociedade de Candido (2000), em *Literatura e Sociedade*. Consideraremos, também, as discussões de Lansbury (1975) sobre as problemáticas sociais do trabalho literário de Elizabeth Gaskell e as reflexões de Monteiro (1976) no que tange à novelística de Almeida Garrett. Isso posto, a principal afirmação que embasará nossas reflexões sobre as ações das personagens femininas nas narrativas é a seguinte: a História e as revoluções (ficcionais ou não) não são construídas apenas por homens, mas antes, as mulheres exercem/exerceram papéis importantes desde o levante social (ficcional ou não, mais uma vez) a inúmeras conquistas, como acontece na representação da sociedade inglesa e portuguesa dos romances analisados.

BATALHAS HISTÓRICAS, BATALHAS FAMILIARES: CONFLITO E INTERESSE EM *QUATREVINGT-TREIZE* DE VICTOR HUGO (1874) E *IAIÁ GARCIA* (1878) DE MACHADO DE ASSIS

Daniela Mantarro Callipo
UNESP

Quatrevingt-treize é o último romance de Victor Hugo. Publicado em 1874, tem como pano de fundo a guerra civil ocorrida em 1793 nas regiões contrarrevolucionárias da Vendéia e da Bretanha, durante a Revolução Francesa. A obra trata do conflito entre o dever e a honra, a covardia e o heroísmo, conflito este vivido pelas personagens fictícias Lantenac, Gauvain e Cimourdain, que convivem com as personagens históricas Robespierre, Danton e Marat. O ano do Terror é o pano de fundo para questões humanistas e metafísicas, pois *Quatrevingt-treize* apresenta uma discussão sobre os valores que devem imperar em toda sociedade. A história que interessa ao leitor é a de Cimourdain, Gauvain e Lantenac, que lutam pelos seus ideais políticos, mas também aquela de Michelle Fléchard, disposta a tudo para recuperar seus filhos. Do outro lado do Atlântico, *Iaiá Garcia*, o último romance da chamada primeira fase de Machado de Assis é publicado em 1878. A trama se desenvolve entre os anos de 1866 e 1871, período conturbado na América do Sul, por causa da Guerra do Paraguai. O romance retrata não só as batalhas platinas, como de Humaitá e Tuiuti, mas também aquelas travadas no seio das famílias de Valéria, Luís Garcia e Antunes, que interferem no destino de Estela, Jorge e Iaiá Garcia, jovens que sofrem por causa do amor proibido, o casamento de conveniência e os jogos de interesses. O objetivo deste estudo é de confrontar os dois romances, a fim de apresentar e discutir os aspectos históricos presentes nas duas obras, aspectos estes essenciais para a configuração das narrativas.

O GUARANI: O ROMANCE DE JOSÉ DE ALENCAR NA ÓPERA DE CARLOS GOMES

Denise de Lima Santiago Figueiredo
UESC

A representação por meio da música cantada dada ao romance *O Guarani* (1857), de José de Alencar por Carlos Gomes em sua ópera *Il Guarany* (1870), será analisada buscando compreender a recepção criativa da literatura dentro do espaço musical gomesiano. A gênese do romantismo no Brasil é inseparável do nascimento do país e de suas instituições, sendo uma delas a literatura. Assim, o romantismo literário, em suas primeiras manifestações, teve como marca mais profunda o indianismo, na tentativa de construção da nação brasileira. Essa tarefa desdobrou-se em outras artes e no âmbito musical serviu de estímulo para a produção de Carlos Gomes, que expressando aspectos concernentes ao indianismo alencariano, reforça o perfil nacional brasileiro. Destaca-se, entre os principais resultados da investigação a importância da música vocal para a recriação das descrições psicológicas das personagens, e, apesar dos traços distintos de sua criação, o compositor não se afasta da literatura, reforçando o vínculo profundo entre estas artes.

HISTÓRIA E TRADIÇÕES DA PROVÍNCIA DE MINAS: MÍMESIS FICCIONAL OITOCENTISTA À LUZ DOS TEXTOS CRÍTICOS E FICCIONAIS DE BERNARDO GUIMARÃES

Ednaldo Cândido Moreira Gomes
UNICAMP - UNIFESSPA

A presente comunicação analisará, num primeiro momento, a crítica literária de Bernardo Guimarães publicada em periódicos literários de São Paulo e Rio de Janeiro durante os anos de 1847 a 1858. Num segundo instante, contrastará indícios e premissas teóricas seguidas pelo escritor na produção do romance histórico intitulado *História e Tradições da Província de Minas Gerais* (1872). Em linhas gerais, pode-se afirmar que a crítica produzida por Bernardo Guimarães revela a acuidade de um escritor preocupado em refletir a produção literária oitocentista a partir de um paradigma crítico diferenciado e distanciado do romantismo “afrancesado” da Corte fluminense. Para isso, Bernardo Guimarães defende caminhos distintos para os gêneros: prosa e poesia. Para a prosa, Bernardo Guimarães considerava um requisito indispensável para o crescimento da literatura nacional, a valorização da heterogênea produção artística provinciana. Para a poesia, Bernardo Guimarães admitia que a

época mercantil do século XIX caminhava para a supressão do elemento nacional das artes. Tal ocorrência caracterizaria a homogeneização do caráter literário que, naquele contexto, era demasiadamente influenciado pela literatura francesa. A saída proposta por Bernardo Guimarães estaria condicionada ao estudo dos textos da tradição literária do idioma e ao retorno da questão da mimese: por ele compreendida como o retorno da arte imitativa da natureza, diga-se, da natureza apreendida pela imaginação e pelo convívio com o homem e com a temática interiorana. Em síntese, pode-se dizer que trabalharemos com o seguinte horizonte conceitual: a questão da representação literária e dos paradigmas temáticos desenvolvidos por Bernardo Guimarães para o romance histórico oitocentista; a questão da mimese e, também, a questão do controle do imaginário literário imposto pelo contexto de edificação do estado nação. Esta pesquisa é inspirada na leitura de um texto escrito por Waltensir Dutra e Fausto Cunha (1970). A hipótese principal dos estudiosos era a urgente necessidade de reavaliar o conjunto da obra – textos literários e textos críticos dispersos – de Bernardo Guimarães face às considerações dos manuais literários que o consideram um autor “menor”, justamente por não possuir uma perspectiva própria diante do fazer literário.

MAURÍCIO OU OS PAULISTAS EM SÃO JOÃO DEL-REI: MIMESIS OITOCENTISTA SOB O PRISMA CRÍTICO E FICCIONAL DE BERNARDO GUIMARÃES

Ednaldo Cândido Moreira Gomes
UNICAMP/ UNIFESSPA

A presente comunicação analisará, num primeiro momento, a crítica literária de Bernardo Guimarães publicada em periódicos literários de São Paulo e Rio de Janeiro durante os anos de 1847 a 1858. Num segundo instante, contrastará indícios e premissas teóricas seguidas pelo escritor na produção da trilogia Maurício e os Paulistas em São João del-Rei (1877), romance histórico que aborda o conflito da Guerra dos Emboabas (1707-1709). Em linhas gerais, pode-se afirmar que a crítica produzida por Bernardo Guimarães revela a acuidade de um escritor preocupado em

refletir a produção literária oitocentista a partir de um paradigma crítico diferenciado e distanciado do romantismo “afrancesado” da Corte fluminense. Para isso, Bernardo Guimarães defende caminhos distintos para os gêneros: prosa e poesia. Para a prosa, Bernardo Guimarães considerava um requisito indispensável para o crescimento da literatura nacional, a valorização da heterogênea produção artística provinciana. Para a poesia, Bernardo Guimarães admitia que a época mercantil do século XIX caminhava para a supressão do elemento nacional das artes. Tal ocorrência caracterizaria a homogeneização do caráter literário que, naquele contexto, era demasiadamente influenciado pela literatura francesa. A saída proposta por Bernardo Guimarães estaria condicionada ao estudo dos textos da tradição poética do idioma e ao retorno da questão da mimese: por ele compreendida como o retorno da arte imitativa da natureza, diga-se, da natureza apreendida pela imaginação e pelo convívio com o homem e com a temática interiorana. Em resumo, pode-se dizer que trabalharemos com o seguinte horizonte conceitual: a questão da representação literária no romance histórico oitocentista, a questão da mimese e, também, a questão do controle do imaginário literário imposto pelo contexto de edificação do estado nação. Esta pesquisa é inspirada na leitura de um texto escrito por Waltensir Dutra e Fausto Cunha (1970). A hipótese principal dos estudiosos era a urgente necessidade de reavaliar o conjunto da obra – textos literários e textos críticos dispersos – de Bernardo Guimarães face às considerações dos manuais literários que o consideram um autor “menor”, justamente por não possuir uma perspectiva própria diante do fazer literário.

O MANUSCRITO DEU ORIGEM AO ROMANCE HISTÓRICO OU O ROMANCE DEU ORIGEM AO MANUSCRITO? A ATUALIZAÇÃO DE CÓDICES EM ALEXANDRE HERCULANO

Eduardo Soczek Mendes
UFPR

Sabemos que Alexandre Herculano (1810-1877) não foi o primeiro e nem o último autor a se valer da estratégia de filiar as suas narrativas históricas a manuscritos muito antigos. Aliás, muito da produção ficcional do escritor esteve embasada nas Crônicas

de Fernão Lopes (1380?1390?-1460) e também em diversas revisitações a arquivos históricos, a partir dos quais elaborou as suas narrativas de ficção. Chama-nos a atenção, todavia, as recorrências de menções, por meio da voz autoral ou da voz narrativa, de códices muito antigos, normalmente referidos como documentações as quais somente o escritor teve acesso e que conferiam ao autor ou ao narrador a tarefa de editores e atualizadores de um texto muito antigo e, de igual maneira, à produção literária de Herculano uma espécie de atualizações de códices monásticos que se perdiam no século XIX. Com base em tais informações, pretendemos analisar como são realizadas as menções a esses supostos manuscritos em prólogos às obras ou em notas coligidas às produções, da mesma forma como também integram o próprio discurso narrativo na economia interna dos enredos e a significância disso no período oitocentista. Para tanto, será importante abordar a recorrente temática em romances históricos como *O Bobo (1128)* (1843), *Eurico, o presbítero* (1844) e *O Monge de Cistér* (1848), bem como em “A Dama Pé-de-cabra – Romance de um Jogral – Século XI”, que integra *Lendas e Narrativas* (1851). Nosso intuito é verificar como a estratégia dos referidos manuscritos é abordada na escrita literária de Herculano e qual seria o efeito estilístico e semântico na elaboração de seus romances e históricos. Para tanto, tencionamos um diálogo com os textos críticos de Ana Maria dos Santos Marques, de Eduardo Lourenço e de Maria de Fátima Marinho.

VISCONDE DE TAUNAY: A HISTÓRIA COMO NARRATIVA

Eduardo Vieira Martins
USP

O objetivo desta comunicação é analisar a configuração do enredo em *A retirada da Laguna*, livro no qual Taunay relata a expedição do exército enviada ao Mato Grosso para libertar a província da invasão paraguaia. Ao contrário do que acontece em outros textos, nos quais reconstitui a marcha da tropa desde o porto de Santos até a invasão do país inimigo, *A retirada da Laguna* se restringe à narração dessa manobra específica. A unidade de ação é obtida por meio de um rigoroso recorte dos episódios, encadeados por relações causais e dispostos em ordem cronológica. O relato é

construído de maneira a sugerir uma articulação profunda entre o cenário, os personagens e o enredo, num tipo de abordagem que deixa perceber que, se por um lado, o romance histórico avançou sobre a historiografia, por outro, a historiografia se apropriou de recursos narrativos do romance para reconstituir a catástrofe testemunhada pelo narrador.

HISTÓRIA E ESCRITA DE SI EM *A ILUSTRE CASA DE RAMIRES*

Eduino José de Macedo Orione
UNIFESP

Este estudo se ocupa da relação entre história, ficção e escrita no romance *A ilustre Casa de Ramires*, de Eça de Queirós. Nosso foco é a relação que se estabelece, durante a escrita da novela histórica centrada na figura de Tructesindo, na consciência de Gonçalo Ramires, entre a grandeza do passado heróico da família e o seu decaído estado presente.

O ÍNDIO NO ROMANCE HISTÓRICO BRASILEIRO: O GUARANI E DEPOIS

Edvaldo A. Bergamo
UNB

A nova concepção histórica foi um fator decisivo para a conformação do romance no século XIX, o que possibilitou a criação de uma forma literária específica destinada a captar o tempo passado como movimento contínuo que interfere na vida corrente. O romance histórico brasileiro, nos seus primórdios, pode ser caracterizado principalmente pela figuração da experiência colonizadora europeia em territórios tropicais. O índio aparece como ente emblemático de tal conjuntura, na condição de agente subalterno do processo histórico, sendo o que ocorre em *O Guarani* (1857), de José de Alencar. A ficção histórica brasileira da segunda metade do século XX, por sua vez, enfoca privilegiadamente a natureza perturbadora dos fatos narrados como acontecimentos decorridos que permanecem como estímulo questionador de um

presente conturbado. Em tal produção literária, o índio ressurgue com força em romances que problematizam o legado colonial em contexto periférico, como *O feitiço da Ilha do Pavão* (1997), de João Ubaldo Ribeiro, e *Meu querido canibal* (2000), de Antônio Torres. Considerando semelhantes aspectos teóricos e críticos, nosso objetivo nesta comunicação é revisitar a herança indianista romântica em Alencar como matéria histórica, cotejando-a com a narrativa de extração histórica da nossa contemporaneidade, na qual o indígena prossegue no seu itinerário cultural como figura social instigante da formação da identidade brasileira e como parte constitutiva da sociedade brasileira em constante transformação.

PRECEITOS HORACIANOS NA COMPOSIÇÃO E REESCRITA DE *INOCÊNCIA*

Elisa dos Santos Prado
UNESP

Publicado em 1872, o romance *Inocência*, de Alfredo d'Escragno Taunay (Visconde de Taunay), é apontado pela crítica literária como uma obra de transição romântico realista. Escrito a partir de impressões, anotações e reminiscências decorrentes da Guerra do Paraguai, retrata cenários, costumes e personagens do Brasil Central, submetidos a tratamento estético por Taunay para a composição do romance literário. A obra é nosso objeto de estudo em suas fontes primárias, em suas quatro edições não póstumas, cotejadas e analisadas segundo preceitos filológicos, da crítica textual e também da crítica genética. O estudo detalhado das edições nos revela a constante preocupação e insatisfação de Taunay com seu texto também em decorrência do incômodo silêncio da crítica especializada, que ocasiona a reescrita do romance por seu criador. Esse processo, no entanto, não se dá de maneira aleatória e impensada, mas guiado por preceitos clássicos, sobretudo aqueles das lições de Horácio em sua *Arte Poética*, sobre alguns dos quais pretendemos apontar e discorrer.

NINÃES COMO REPRESENTAÇÃO DA (M)ÁTRIA

Fernanda de Aquino Araújo Monteiro
UFRJ

Em *O Senhor do Paço de Ninães*, a figura da mulher está diretamente representada pela memória da casa, da terra e da pátria, em oposição à expansão ultramarina, já que D. Thereza vende sua própria casa para o resgate de seu filho cativo em África e acaba morta ao saber que um certo Rui Gomes havia morrido na batalha; e apesar de Rui Gomes ter sido traído pela família de Leonor e ter condicionado a jovem a se casar com outro, ainda preserva a memória da casa dela, e a memória da pátria está diretamente ligada a amada. Quando Rui Gomes resolve retornar a Portugal, decide visitar sua prima, que já era vista como louca, e acaba perdendo as atitudes que ela tomara na juventude de não ter se casado com ele. O presente trabalho tem como objetivo elucidar o modo como as memórias da paisagem e da mulher do Norte de Portugal são alegoricamente os espaços da inscrição da pátria; como se deve pensar e repensar a imagem da pátria portuguesa e sua importância como uma temática constante na literatura oitocentista; e a entender como exilados soterrados pela Pátria simbólica podem preservar uma memória nostálgica e idealizada da sua terra, e como a inquietação do exílio pode criar um vazio existencial para Rui Gomes de Azevedo.

MEMORIAL DO CONVENTO E O ROMANCE HISTÓRICO EM LÍNGUA PORTUGUESA: CONTINUIDADE E RUPTURA

Fernanda Farias Freitas
UFRJ

Nesta presente chamada para o Congresso Internacional "O Romance Histórico em Língua Portuguesa: repensando o século XIX", evidenciou-se, entre outras indagações, a preocupação com o desdobramento das possibilidades de tal subgênero. Verifica-se, nesse contexto, a viabilidade de estudo da narrativa de "Memorial do Convento", obra em que o José Saramago constrói um ponto de vista

singular acerca de parte da história portuguesa, de modo que reabilita de forma perdurável para a memória do país aqueles que haviam lutado e sofrido para construir o convento e, conseqüentemente, a identidade portuguesa. Dessa forma, o autor deixa de contemplar como personagens principais apenas os escolhidos pelo discurso historiográfico oficial, promovendo a ressignificação de parte da narrativa sobre o passado português fabricada por meio da ficção. Objetiva-se, assim, uma comunicação que, ao promover um diálogo entre uma narrativa saramaguiana e o texto de um historiador do século XIX, Oliveira Martins, possa ser desenvolvida como um desvelar ainda pouco explorado, tendo em vista os ecos da obra "História de Portugal" encontrados na recriação do século XVIII promovida em "Memorial do convento". Defende-se, portanto, que a ficção de José Saramago, autor do século XX, transfigura a tradição do romance histórico português do século XIX, sem deixar de estabelecer claros diálogos com esse legado, seja pela recriação do espaço de forma verossimilhante, seja pela intertextualidade com um historiador do século XIX.

INFLUÊNCIAS FRANCESAS NO ROMANCE HISTÓRICO BRASILEIRO: UMA LEITURA DE *O GUARANI*, DE JOSÉ DE ALENCAR

Flávia Nascimento Falleiros
UNESP

Essa comunicação propõe uma leitura do romance histórico *O Guarani* (1857), de José de Alencar (1829-1877), tendo como objetivo comparar certos aspectos do universo ficcional alencariano com aquele de algumas obras de Chateaubriand (1768-1848), cuja influência foi reconhecida pelo brasileiro em mais de uma ocasião, por exemplo em seu célebre texto *Como e por que sou romancista* (1873).

O FALSO MORALISMO EM *AS MULHERES DE MANTILHA* (1870) E *FANNY HILL OU MEMÓRIAS DE UMA MULHER DE PRAZER* (1748-9)

Gabriela Fardin Fernandes
UNESP

Esta comunicação trata-se de uma proposta de leitura e interpretação das obras *Fanny Hill ou Memórias de uma Mulher de Prazer* (1748-9), escrita por John Cleland (1710-89) e *As Mulheres de Mantilha: romance histórico* (1870), de Joaquim Manuel de Macedo (1820-82). Focalizaremos, durante a apresentação, nas passagens do romance que demonstram a ideia de uma falsa moralidade defendida pelos autores, ao que nos parece, somente para proteger suas próprias faces diante dos julgamentos de sua comunidade leitora.

O AMOR E A MULHER: ANÁLISE DA PERSONAGEM FEMININA EM *O BOBO*, DE ALEXANDRE HERCULANO

Gelbart Souza Silva
UNESP

A partir de uma revisão da figura da mulher na literatura portuguesa (FREITAS, 2009) que encontra paralelos com a própria trajetória do amor (MICHELLI, 2004), sendo muitas vezes mescladas e indissociáveis, procuro analisar a personagem feminina Dulce no romance histórico "O Bobo", de Alexandre Herculano, observando a ambiguidade "fraqueza" / "energia" presente na personagem, causada pelas relações hierárquicas da sociedade descrita na obra, sociedade esta feudalista e patriarcal. Procuro demonstrar que a fraqueza da heroína Dulce, realizada em sua figuração como objeto de amor angelical em um triângulo amoroso que responde ao ideal de amor romântico, dá-se pela castração do poder feminino, de sua "energia", figurada em sua condição enquanto nobre, levada a cabo pela sociedade.

O SENHOR DO PAÇO DE NINÃES E O ACERVO DA CAMILIANA NO GRÊMIO LITERÁRIO PORTUGUÊS DO PARÁ

Germana Sales
UFPA

O romance *O Senhor do Paço de Ninães*, está entre as mais de setenta produções de Camilo Castelo Branco e é uma das obras que faz parte do acervo Camiliana na biblioteca do Grêmio Literário Português do Pará. Inaugurado no ano de 1867, a

exemplo de outros gabinetes portugueses fundados no Brasil, com um significativo acervo de obras portuguesas e, a Camiliana, com mais de 600 volumes constitui uma das raridades do patrimônio de livros existentes no local. Para homenagear o romancista Camilo Castelo Branco no ano em que comemoramos 150 anos do lançamento de *O Senhor do Paço de Ninães*, este trabalho pretende recuperar a presença de suas obras no Pará, incluindo o romance em tela, o que reitera e ilustra a ampla circulação do escritor pelo Brasil.

OS ROMANCES DOS CENTENÁRIOS

Giorgio di Marchis
UNIVERSIDADE DE ROMA III

A comunicação vai apresentar alguns romances históricos vencedores dos concursos organizados pelo jornal português “Diário de Notícias” em ocasião do IV Centenário da Índia e do IV Centenário da Descoberta do Brasil. A análise das obras de Cândido de Figueiredo, Arthur Lobo d’Ávila e Lourenço Cayola, mostrará como, num contexto fortemente abalado pelo Ultimatum de 1890, o romance histórico português participou das comemorações finisseculares, apresentando outra faceta do uso público da história nacional com função regeneradora.

CRÍTICAS AO NACIONALISMO INGÊNUO: EÇA DE QUEIRÓS E LIMA BARRETO

Giuliano Lellis Ito Santos
USP

A análise se pautará na leitura dos romances *A ilustre casa de Ramires*, de Eça de Queiros, e *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, com o fim de entender a presença de personagens tidos como representações de seus países e quais elementos garantem esta identificação. Partindo da leitura de algumas cenas, pretendo demonstrar como tal identificação é parcial e como tais personagens servem de pontos de crítica ao nacionalismo ingênuo tanto de Brasil, quanto de Portugal.

O DEMÔNIO DO OURO E AS MULHERES DE MANTILHA: O ROMANCE HISTÓRICO PORTUGUÊS E BRASILEIRO NA TEORIA DE GYORGY LUKÁCS

Gustavo Zambrano
UNESP

Na obra *O Romance Histórico*, Gyorgy Lukács debate os fatores de surgimento e os aspectos que caracterizam esse gênero literário. No entanto, o trabalho de Lukács apesar de ter o grande mérito por ser o precursor não pode servir de parâmetro para se analisar os romances de aspectos históricos em sua totalidade. Em outras palavras, romances que se configuram como sendo históricos podem se encaixar ou não na teoria do crítico húngaro. A partir do exposto, esse trabalho tem como objetivo, portanto, analisar as obras *As Mulheres de Mantilha* de Joaquim Manuel de Macedo e *O Demônio do ouro* de Camilo Castelo Branco, observando os aspectos que as caracterizam ou não como romances históricos nos moldes da teoria de Lukács (2011), e ao mesmo tempo pensar em questões que fazem essas duas obras se aproximarem e se distanciarem no plano temático e no plano da estrutura.

EXPERIÊNCIA (AMOROSA) E MASCULINIDADE (ROMÂNTICA) EM O SANTO DA MONTANHA

Henrique Marques Samyn
UERJ

O trabalho proposto visa a investigar o processo de subjetivação que resulta na constituição de Baltasar Pereira da Silva – protagonista de *O santo da montanha*, obra publicada em 1866 por Camilo Castelo Branco –, para tanto mobilizando um repertório conceitual que possibilite, de um lado, uma leitura da construção da masculinidade à luz de uma perspectiva de orientação feminista; e, de outro lado, uma análise crítica sobre a experiência amorosa no âmbito do ideário romântico. O que assim se pretende é recolher elementos que facultem reconhecer a especificidade da trajetória do referido protagonista, enquanto experiência radicalmente generificada viabilizada a partir de um horizonte de valores tributários do pensamento romântico.

A DAMA PÉ DE CABRA ENTRE SÉCULOS: HERCULANO, PAULA REGO, ADRIANA MOLDER

Isabel Pires de Lima
UNIVERSIDADE DO PORTO

A Dama Pé de Cabra constitui uma peça paradigmática da obra *Lendas e Narrativas* de Alexandre Herculano enquanto manifestação de uma narrativa histórica que revisita uma lenda medieval de tradição oral da qual o autor se apropria à luz da sua perspectiva estética romântica. Procurar-se-á indagar dos modos diversos como duas pintoras contemporâneas de gerações distintas, Paula Rego (n. 1935) e Adriana Molder (n. 1975), que produziram em 2012 uma série de trabalhos em simultâneo mas autónomas inspirados na narrativa histórica herculaniana, estabelecem com ela jogos intermediais que permitem pensar a nossa contemporaneidade.

A VOZ DA ARÁ: TRADIÇÃO E RUPTURA NO ROMANCE *IRACEMA*, DE JOSÉ DE ALENCAR

Ivana Ferrante Rebello
UNIMONTES

A cena final da obra *Iracema* acena para o nascimento da nova pátria americana por meio do personagem Moacir, filho da indígena tabajara e do guerreiro europeu, que parte para a Europa, carregando os conflitos da colonização e da miscigenação. Como última testemunha da história, a ará permanece no olho do coqueiro, repetindo o nome de Iracema. Essas duas imagens, superpostas, assinalam mais do que a vontade romântica de instaurar o mito da pátria brasileira; apontam também para uma formulação identitária em processo, complexa e contraditória, que merece, no presente estudo, nova leitura. São imagens que diferentes concepções de nacionalidade, opostas, embora não contraditórias, acenando para atmosfera social híbrida e pulsante do Brasil do século XIX, em que valores de procedência diversa interpenetram-se, em processo de aculturação. A ará, no romance alencariano, assinala para uma simbologia de resistência e rebeldia, que permite ao leitor

identificá-la ao impulso renovador que caracteriza Alencar e seu esforço no estabelecimento de uma literatura brasileira.

O PAPEL DAS LETRAS EM MEMÓRIAS DA RUA DO OUVIDOR: MODA, SALÕES E FOLHETINS

Jander Antonio Sá de Araujo
UFRJ

Ancorado nos pressupostos teóricos de Alcmenno Bastos, este trabalho visa elucidar os momentos de criação da rua mais garbosa e agitada do século XIX: a Rua do Ouvidor. Joaquim Manuel de Macedo reconta desde o momento em que ela era ainda um pequeno desvio, passando a se tornar Aleixo Manuel e Padre Homem da Costa até o açambarcamento no ano de 1780. A obra macediana engendra os laços entre histórias e literatura servindo de alicerce para o ato de costurar o incontornável dilema de fazer a extração histórica da rua mais soberba da cidade do Rio de Janeiro, no século oitocentista. Fato reais como a morte de Tiradentes no Campos de São Domingos amalgamada com o açucarado romance com Perpétua Mineira traz à tona uma resposta satisfatória sobre o que fazer coma prevalência do ficcional. Este trabalho, embora reconheça o hibridismo brilhante feito pelo autor em estudo para provar os fatos verossímeis ligados à História, mostra a construção social no espaço cenográfico folhetinesco macediano com o propósito de validar a importância dos salões literários e da moda trazida pelos ingleses e franceses com seus devidos costumes. Segundo Lukás, essa ficção “arqueológica” estaria marcada por um descritivismo frio e distante, predominantemente interessada na recuperação estética do passado longínquo, colocando, enfim, o problema fundamental da referencialidade, isto é, o problema das relações da narrativa que serão declinados no corpo do texto macediano.

O ROMANCE HISTÓRICO DE PINHEIRO CHAGAS

Jane Adriane Gandra
UEG

A proposta deste ensaio é apresentar alguns romances históricos de Pinheiro Chagas, já que este gênero foi o de sua predileção. Embora o romance histórico tenha o passado como ambientação, o romancista histórico deseja intervir no presente. Assim, avaliando os períodos e temáticas optadas por Chagas, parece que ele antecipa as discussões da Geração de 70 sobre as causas da decadência portuguesa. Fato relevante que questiona e demonstra o seu lugar imerecido nas histórias literárias como adversário retrógrado da Geração de 70.

A REESCRITA DA HISTÓRIA E A CRÍTICA SOCIAL EM "A MORTE DE JESUS", DE EÇA DE QUEIRÓS

Jean Carlos Carniel
UNESP

No início da carreira literária, Eça de Queirós publicou diversos textos em jornais. A narrativa "A morte de Jesus" foi publicada entre abril e julho de 1870, no jornal *A revolução de Setembro*. Postumamente, esse relato foi compilado por Luís de Magalhães ao volume *Prosas Bárbaras* (1903). Objetiva-se, com esse trabalho, verificar como se dá a reconstrução da História e a crítica social presente nesse relato. Percebe-se, nessa narrativa, que Eça recria o passado para fazer uma crítica social ao século XIX. Esse trabalho recebeu o apoio da FAPESP, processo nº 2016/25008-2, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

ADAPTAÇÃO DE O GUARANI, DA EDITORA L&PM, PARA NEOLEITORES

Jesyka Leticia Lemos Jaqueta
UNESP

Em 2007, a *L&PM Editores* publicou uma adaptação de Paulo Seben do romance histórico *O Guarani*, como parte da coleção *É só o Começo*. Como uma forma de aproximar adultos recém-alfabetizados e jovens estudantes do Ensino Médio ao clássico romance do século XIX, o texto foi resumido e reescrito em linguagem atual. Houve supressão de grande parte do enredo, de acontecimentos e descrições, assim

como de todos os paratextos escritos por Alencar, que constam na maior parte das edições, e das alusões a personagens e fatos históricos. Dessa forma, pretende-se analisar a adaptação de Seben, refletindo sobre as alterações do texto adaptado e propondo ações pedagógicas para o trabalho em sala de aula.

ASPECTOS DO ROMANCE HISTÓRICO EM FENIMORE COOPER, ALEXANDRE DUMAS E JOSÉ DE ALENCAR

José Alcides Ribeiro
USP

O propósito desta comunicação é comentar aspectos do romance histórico explorados em autores que ficaram conhecidos por explorar esse gênero no século XIX. Dentro desse propósito, são enfocados Fenimore Cooper (*O Último dos Moicanos*), Alexandre Dumas (*Os Moicanos de Paris*) e José de Alencar (*O Guarani*). Alexandre Dumas, que teve o seu romance *Os Moicanos de Paris* publicado em 1855 no Folhetim do Correio Mercantil do Rio de Janeiro. Nesse período, atuou no mesmo jornal José de Alencar, que teve sem dúvida contato com a tipologia de romances históricos de Alexandre Dumas.

CASA GRANDE & SENZALA E MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS: DOIS ROMANCES DAS INTIMIDADES?

José Alonso Tôrres Freire
UFMS

Em um momento de recrudescimento do autoritarismo e da superexposição de tantos escândalos no âmbito nacional, é importante retomar a obra *Casa grande & senzala*, de Gilberto Freire, publicada em 1933, que certamente pode ser denominado de *obra fundadora* de reflexão sobre o Brasil e tanto pode esclarecer sobre as origens das contradições nacionais. Dessa forma, neste trabalho, proponho abordar essa *obra-esfinge* de uma perspectiva que não seja a sociológica, elegendando outra via de entrada, a partir de conceitos dos estudos literários. Aliadas à

lúcida e ousada visão do pesquisador, oriundo das ciências sociais, com passagens pela literatura, encontramos ali a utilização de estratégias e recursos característicos da ficção, além da convocação do próprio relato como testemunho dos fatos apresentados, criando efeitos de real em sua narrativa, entre outros, o que possibilita a leitura desse *monumento grandiloquente* e híbrido como um grande romance da vida colonial brasileira, com vários elementos que caracterizam o gênero. Um dos exemplos importantes que aparece na obra sobre a vida colonial é do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1882), de Machado de Assis, especialmente com relação à figura do “muleque-leva-pancadas”, materializado em Prudêncio, o muleque de Brás, entre outras referências que aparecem ali. Como veremos, o autor constrói um texto multifacetado, situado numa fronteira tênue entre a sociologia, a história e a ficção, apresentando características do romance histórico, ainda que apresente traços do chamado de *novo romance histórico*: personagens periféricos ao invés de grandes heróis, personagens históricos sob nova abordagem, muitas vezes paródica, entrecruzamento de textos de origens diversas, presença de discursos de várias procedências, leitura a um só tempo reverencial (pela seleção empreendida ou pelo respeito) e crítica do passado, certa carnavalização da história em virtude das características anteriores, entre outras.

O ROMANCE HISTÓRICO DE CAMILO CASTELO BRANCO E A LITERATURA TRÁGICO-MARÍTIMA

José Cândido de Oliveira Martins
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Em diversas narrativas de natureza histórica – desde *O Senhor do Paço de Ninães* até *Tragédias da Índia*, entre outros textos –, Camilo Castelo Branco não resiste à convocação histórica dos relatos de naufrágio da História Trágico-Marítima. Esta frequente dimensão intertextual não só enriquece a trama ficcional camiliana, como também lhe confere a espessura dramática e a desejada verosimilhança enquanto narrativa de fundo histórico. Ao mesmo tempo, através da citação ou referência a vários dos seus relatos históricos, a presença da literatura trágico-marítima enforma a ficção camiliana do “pathos” emocional presente nesse tipo de relatos.

O SENHOR DO PAÇO DE NINÃES E O ORIENTALISMO CAMILIANO

José Carvalho Vanzelli
USP/FAPESP

O Romance Histórico português da segunda metade do século XIX traz como uma de suas temáticas mais recorrentes a revisitação da chegada às Índias e a presença portuguesa no Oriente ao longo do século XVI. Alguns fatos históricos nos Oitocentos contribuíram para que os romancistas históricos voltassem os olhos ao Oriente ou, mais especificamente, o passado português na Ásia. Pode-se destacar, por exemplo, as comemorações do 3º centenário de morte de Camões, em 1880; o *ultimatum* inglês de 1890; e as comemorações do 4º centenário da chegada de Vasco da Gama às Índias, em 1898. Embora a maior parte desses Romances Históricos, conforme aponta Isabel Pires de Lima em “O Orientalismo na Literatura Portuguesa (Séculos XIX e XX)” (1999), tratem de um nacionalismo mítico e heroico, no terceiro quartel do século, um autor se utilizou desse gênero literário para observar criticamente Portugal e sua atuação na Ásia, estabelecendo um discurso que pode ser lido como um contraponto fundamental à exaltação patriótica do fim do século. Falamos de Camilo Castelo Branco que, em 1867, há exatos 150 anos, publicou *O Senhor do Paço de Ninães*. Para este trabalho buscamos debater em que medida este romance camiliano condensa em suas páginas as principais ideias que o autor expôs acerca da relação Portugal-Oriente. Para tanto, intencionamos lê-lo em paralelo a outros textos de Camilo Castelo Branco em que o Oriente é abordado. Objetivamos, portanto, com a leitura desses textos, compreender melhor as dimensões do orientalismo camiliano.

O ROMANCE HISTÓRICO NO EXTREMO SUL DO BRASIL: UM ESTUDO DOS ROMANCE-FOLHETIM

Juliane Cardozo de Mello
FURG

O presente trabalho objetiva apresentar uma leitura dos romances-folhetins publicados nos periódicos da cidade de Rio Grande (RS), de 1845 a 1889, centrando-se

nos romances históricos de autores locais, como Candido Batista de Oliveira, e nas traduções de folhetinistas franceses como, por exemplo, Alexandre Dumas, Eugène Scribe, Clémence Robert, dentre outros. O estudo da presença do gênero corrobora a aproximação da literatura com o discurso da história, visto que as obras que apresentam temáticas e heróis históricos são difundidas como uma forma de instrução para a elite “inculta” da cidade. Ademais, esses folhetins ilustram de modo vivo as “motivações sociais e humanas a partir das quais os homens pensaram, sentiram e agiram de maneira precisa, retratando como isso ocorreu na realidade histórica” (LUKÁCS, 2011, p. 60), os acontecimentos históricos são painéis que apresentam aos leitores diversas culturas e países que lhes são estranhos.

A CINDERELA NEGRA? REPRESENTAÇÕES DE RAÇA E GÊNERO NOS ROMANCES HISTÓRICOS SOBRE CHICA DA SILVA

Kelly Cristina Benjamim Viana
UNESPAR

O presente trabalho objetiva investigar as representações literárias de raça e gênero presentes nos romances escritos sobre Chica da Silva, uma vez que tanto a história, como os discursos ficcionais sobre a ex-escrava criaram novos estereótipos, descrevendo uma Chica distante da mulher de carne e osso que viveu no arraial do Tejuco no século XVIII. Busca também discutir a aproximação entre História e Literatura e com os suportes metodológicos da análise discursiva identificar as desigualdades socialmente construídas para a mulher negra que circulam no discurso do texto literário, uma vez que estes são produtos da cultura, e como tal, produtoras de significado, que falam tanto, ou mais, do momento da feitura da obra quanto do momento que o autor (a) procura retratar. Chica tornou-se personagem histórica pela primeira vez no livro *Memórias do Distrito Diamantino*, em 1868. A partir da década de 1950, a personagem Chica da Silva transcende os escritos históricos e memorialísticos e vai ocupar espaço nos romances, tendo como obra literária de maior destaque nesse período o romance “Chica que manda” de Agripa Vasconcelos. Somente em 2001 é publicado o primeiro romance sobre Chica escrito por uma mulher, Lia Vieira publica o

seu livro “Chica da Silva - a mulher que inventou o mar”, a narrativa é diferente de todas sobre a personagem até então. No ano de 2016 são lançadas mais duas obras ficcionais escritas por mulheres que procuram retratar a personagem. O estudo das representações literárias de Chica da Silva serve ainda para referendar a literatura como importante fonte enunciativa, por ser uma leitora excepcional de períodos e sociedades.

O ROMANCE HISTÓRICO DE ANTÔNIO MARIA DE CAMPOS JÚNIOR (1850-1917): A APRESENTAÇÃO DE UM AUTOR

Leonardo de Atayde Pereira
USP

O autor português Antônio Maria de Campos Júnior, nascido nos Açores em 1850, foi um profícuo romancista e dramaturgo do final do século XIX. Suas obras, entre elas *Guerreiro e Monge* e *Rainha-madrasta*, apresentam uma notória preocupação em retomar e reinterpretar eventos e figuras históricas relevantes do passado português por meio de recursos estéticos advindos, em parte, do romance histórico oitocentista. A presente comunicação tem como objetivos apontar essas possíveis relações entre a ficção de Antônio de Campos Júnior e a prosa de outros autores portugueses, como Alexandre Herculano e Camilo Castelo Branco, e analisar, brevemente, um dos seus romances mais conhecidos, a *Rainha-madrasta*, de 1905, que, entre outros assuntos, tem como pano de fundo o governo de D. Manuel I.

A CONCILIAÇÃO DOS PLANOS HISTÓRICO E INDIVIDUAL EM BALZAC E ALENCAR

Lilian Tigre Lima
UNESP

No que diz respeito ao diálogo com a literatura estrangeira, é comum pensarmos o romance histórico de José de Alencar a partir dos modelos de Walter Scott e Fenimore Cooper. A presente comunicação, no entanto, propõe debater as possíveis relações

entre *O Guarani*, de José de Alencar, e *Les chouans ou A Bretanha em 1799*, de Honoré de Balzac. Conhecido, sobretudo, como o autor dos grandes temas como o dinheiro e o arrivismo social, Balzac, no início de sua carreira literária, decidiu que a primeira obra séria a compor *A Comédia Humana* seria um romance histórico “à la Walter Scott”. Considerado o divisor de águas na obra do escritor francês, *Les chouans ou A Bretanha em 1799* tematiza a *chouannerie*, levante monarquista instaurado na região Oeste da França no período pós Revolução, contado a partir da trama amorosa vivida por Marie de Verneuil e o Marquis de Montauran. Tão importante quanto na afirmação literária de José de Alencar, a história d’*O Guarani*, ambientada no período colonial brasileiro, narra a trajetória heroica do índio Peri e os conflitos travados pelo protagonista em meio ao amor pela branca Ceci. A partir daí, tomando por base as teorizações de György Lukács sobre o romance histórico, esta comunicação tem por objetivo discutir o tratamento dado à História e à trama amorosa nos romances de Balzac e Alencar, buscando demonstrar que em ambas as narrativas os planos histórico e individual andam juntos.

PEDAÇOS DE VIDA: A EXPERIÊNCIA E A HISTÓRIA

Linda Maria de Jesus Bertolino
UNB

Este trabalho tem por objetivo estudar a escrita do testemunho e a sua implicação na interpretação histórica do vivido, no conto *A escrava* (2004), de Maria Firmino dos Reis. Partimos da proposta de tropos discursivos - elaborados por Hayden White (2006), para explicar que nesse conto a ficção narrativa dá-se a partir de um projeto epistemológico, onde os elementos de racionalidade: História, negro e escravidão, ou seja, tudo aquilo que se encontra posto no campo da liberdade estética e da criação narrativa de Maria Firmina, corresponde a fontes de um projeto de investigação da memória do negro no século XIX. Das ideias de Paul Ricoeur (2007), para falar de testemunho, e das discussões de Frantz Fanon (2008) e Cuti (2010), para mostrarmos que a experiência histórica do sujeito negro do discurso é enraizada no sujeito negro que escreve. Por fim, assinalamos como na leitura narrativa d’*A escrava*, existe um foro

de explicação histórica, em que os próprios artifícios narrativos, a saber, os fatos, as cenas narradas e o caráter abolicionista, terminam por servirem de base de sustentação documental à história do negro no Brasil, aproximando assim a escrita do testemunho da escritora com a representação do real.

PASSEIO LUSITANO-GERMÂNICO: COMPARAÇÃO ENTRE OS MAIAS DE EÇA DE QUEIRÓS E OS BUDDENBROOK DE THOMAS MANN

Luana Signorelli Faria da Costa
UNICAMP

Aqui se comparam *Os maias: episódios da vida romântica*, de Eça de Queirós, e *Os Buddenbrook: decadência de uma família*, de Thomas Mann, no que tange ao realismo, segundo Lukács em *O romance histórico* (2011), principalmente na dialética entre alto e baixo, atraso e progresso. Serão contemplados Massaud Moisés, *A literatura portuguesa* (2009), e Antonio Candido com o texto “Entre campo e cidade”, incluído em *Tese e antítese* (2012). Assim, o romance de Eça nasce da condição agrícola, estagnada, conservadora. Em *Os Maias*, Carlos da Maia é desfibrado pela vacuidade superficial, urbana e liquidada de uma Lisboa supercivilizada, contrastado pelo aristocrata rural Afonso da Maia e por seu amigo progressista, João da Ega. A vida privada se mescla à pública, e o particular se casa com o histórico. No subtítulo de *Os Maias*, ainda se aborda uma vida romântico-burguesa, ao passo que no de *Os Buddenbrook* já se apresenta a consciência histórica [dilacerada] da decadência. Este romance germânico *fin de siècle* trata-se da história de 3 gerações de uma família, perpassando a guerra franco-prussiana, o declínio espiritual de Thomas Buddenbrook, a bancarrota de sua irmã Tony, o envolvimento dos dois com a classe popular, o fim de Hanno, que morre jovem sem dar continuidade à linhagem da família. Em ambos os romances, concebe-se a ideia de família; não como união e formação, mas sim como decadência, proveniente de uma série de fracassos após um século de revoluções.

OS MUITOS NÓS DO CIPÓ DA FLORESTA: UBIRAJARA ENTRE OS USOS DA RETÓRICA NO OITOCENTOS

Lucas Bento Pugliesi
USP/UFRJ

A partir do veio teórico fundamentado por R. Acízelo (1999) e Eduardo Vieira Martins (2005), pretende-se revisitar *Ubirajara* (1874) de Alencar a partir das aporias do pensamento estético de seu autor, lastreado pela incorporação não assinalada da instituição de longa duração que convém chamar "retórica". Retomando problemas apontados por Martins, em relação a questões de verossimilhança e decoro, que despontam da crítica de Alencar à Confederação dos Tamoios, é o caso de pensar como essas mesmas noções são nobilitadas para tratar justamente de um romance histórico. A despeito das muito alardeadas notas historiográficas que comprovariam uma relação de verossimilhança extraliterária no referido romance, Alencar parece tomar de empréstimo os modos de escritura associados à épica clássica na construção do *éthos* de suas personagens, mas também no emprego de ornatos poéticos não estranhos a este gênero e que, ao cabo, parecem escapar dos grandes painéis pictóricos associados ao sublime que Martins enxerga, por exemplo, n' *O sertanejo*. Assim, a partir de apontamentos breves sobre possíveis elementos de teor "neoclássico" no gesto de escritura do texto, intenta-se instigar a discussão sobre os usos literários (e, em segunda instância, políticos) que a retórica pode ter tido durante o XIX brasileiro.

JOSÉ DE ALENCAR E FENIMORE COOPER NA VISÃO DOS CRÍTICOS OITOCENTISTAS

Lucas de Castro Marques
UNESP

Esta comunicação pretende apresentar uma reflexão sobre a visão dos críticos brasileiros do século XIX a respeito das relações estabelecidas, na época, entre o escritor norte-americano James Fenimore Cooper (1789-1851) e o escritor brasileiro José de Alencar (1829-1877), no que se refere aos romances históricos *O último dos*

Moicanos - The Last of the Mohicans (1826), parte da série *The Leatherstocking Tales* de Cooper, e *O Guarani* (1857), de Alencar. Em seus textos críticos, o escritor cearense Araripe Júnior (1869, 1882) destacou as qualidades dos dois escritores, mas ressaltou as diferenças que observava entre eles, afirmando que, diferentemente do romancista brasileiro, Cooper não poetizava a natureza em seus romances. Para ele, o norte-americano apresentava os nativos e suas tribos da maneira como as conhecia por experiência própria. Já o romancista e crítico cearense Franklin Távora (1872) engrandeceu o talento de Cooper, do qual afirmou o grande merecimento pela verdade e fidelidade no retrato da natureza, em oposição a Alencar, reconhecendo que os dois escritores não se pareciam. O escritor brasileiro, por sua vez, deixou registrado, em *Como e porque sou romancista* (1893), que *O Guarani*, assim como ouvia em comentários a respeito, não seria um romance “ao gosto de Cooper” (p. 45), mas uma criação inspirada na natureza brasileira. Rebateu alguns críticos afirmando não haver imitação de sua parte, mas apenas coincidência entre os processos históricos do Brasil e dos Estados Unidos, no que concerne ao contato dos índios com os brancos e as terríveis consequências para os nativos.

ENTRE ESPAÇOS FICCIONAIS, MEMÓRIA E HISTÓRIA SE ENTRECruzAM

Luci Ruas
UFRJ

Em 1867, Camilo Castelo Branco publica o romance *O Senhor da Casa de Ninães*. Em 1995, Teolinda Gersão traz ao público *A casa da cabeça de cavalo*. Ambientados em espaços diversos, mas tendo a casa como lugar de retorno, ou da memória, em que circulam os fantasmas da História, seja a pública, onde os vestígios da memória pátria se dão a ver, seja a história privada, onde habitam sombras das famílias que lá viveram, neles propõem-se perspectivas de leitura que apontam não só para a interpretação mais ou menos tradicional da história no romance, mas também por uma nova abordagem dos fatos, a um tempo desconstrutora e inovadora. É o que proponho como trabalho para este Congresso.

O GUARANI, MATÉRIA HISTÓRICA E FICÇÃO DA ATUALIDADE

Lucia Granja
UNESP

O Guarani, romance de conteúdo histórico, foi publicado inicialmente em folhetim, no Diário do Rio de Janeiro, em 1857. O jornal era dirigido e administrado por José de Alencar e seu irmão Leonel e, dessa posição, o escritor-jornalista, conhecedor desse novo sistema midiático, criou e publicou um romance que atingiu enorme repercussão junto ao público. Esta comunicação procurará analisar de que maneira a matéria histórica adaptou-se perfeitamente, em José de Alencar, à ficção fatias, apoiada nas matrizes da periodicidade e da atualidade.

O BOBO DE HERCULANO E SEUS MODELOS IVANHOÉ E NOTRE DAME DE PARIS: A VERSÃO PORTUGUESA DA FORMAÇÃO DE UMA NAÇÃO

Luciene Marie Pavanelo
UNESP

Walter Scott (1771-1832) e Victor Hugo (1802-1885), com os sucessos de *Ivanhoé* (1820) e *Notre Dame de Paris* (1831), respectivamente, construíram dois modelos distintos de narrativa histórica que se disseminaram pelo mundo ocidental, formando o gosto do público leitor oitocentista. Apesar de ter muitos pontos de contato com as narrativas de Scott e Hugo, *O Bobo* (1843), de Alexandre Herculano (1810-1877), não é uma mera cópia das narrativas publicadas nos centros europeus. É nosso objetivo comparar os três romances, não por meio de suas semelhanças, mas principalmente pelas suas diferenças, a fim de verificar as suas especificidades, principalmente no que concerne ao olhar distinto sobre a formação de suas nações.

O CAMÕES DE GARRET: QUE(M) É ESTE POETA

Luis Maffei
UFF/FAPERJ

Ao fundar o Romantismo português, na década de 20 do século XIX, com o poema *Camões*, Almeida Garrett realiza uma espécie de narrativa histórica que, a um tempo, investiga o Portugal presente ao recuperar, icônica e ficcionalmente, a figura de Camões. Quase duzentos anos depois, a pergunta que ainda se impõe é: que é, quem é este poeta? Claro está que há ambivalência na interrogação, pois poetas são os dois, tanto o que homenageia como o homenageado. Assim, revisitar o poema garrettiano permite reencontrar sentidos fortes em *Camões*, sobretudo n' *Os Lusíadas*, iluminados pelo romântico de primeira hora.

ENTRE A RACIONALIDADE E A INSANIDADE: QUINCAS BORBA, DE MACHADO DE ASSIS

Maraiza Almeida Ruiz de Castro
UNESP

Esta comunicação oral pretende discutir os diálogos possíveis entre o romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis, e a realidade sócio-política brasileira do final do século XIX. Por meio da representação da temática da loucura, esta obra refuta a lógica cotidiana da época, deflagrando as contradições intrínsecas à mudança de regime político no país: final do Segundo Reinado e início da República. Além disso, o romance em questão relê criticamente as ideias francesas, inglesas e alemãs — o positivismo, o darwinismo, o naturalismo e os conceitos psiquiátricos, bem como o pessimismo e niilismo schopenhauerianos — e sua circulação no cenário social brasileiro. Portanto, pretende-se abordar o vínculo de *Quincas Borba* com seu contexto histórico de produção.

O HERÓI PASSIVO EM WALTER SCOTT E JOSÉ DE ALENCAR

Marcos Flamínio Peres
USP

O artigo procura analisar a construção da figura do herói em *O guarani* (1856) e *As minas de prata* (1865-66), de José de Alencar, partindo dos estudos que o crítico canadense Northrop Frye realizou sobre o modo ficcional romanesco. Embora *As minas de prata* traga dados históricos e de construção de personagens que remetem ao primeiro, a maneira como seu herói, Estácio, se comporta em relação à intriga sugere uma compreensão aguda, da parte do escritor cearense, do pano de fundo histórico – empreitada similar à que Walter Scott realizou em *Waverley* (1814).

JANUÁRIO GARCIA, O SETE ORELHAS: HISTÓRIA, FICÇÃO E LENDA

Marcos Vinícius Lima de Almeida
PUC-SP/FAPESP

A presente comunicação trata da figura histórica, ficcional e lendária de Januário Garcia, *O Sete Orelhas* (1761-1808), um justiceiro que, segundo certa versão da historiografia, viveu na antiga Comarca do Rio das Mortes. Essa personagem está inserida nos momentos originários da prosa de ficção brasileira, com a novela *Januário Garcia ou As Sete Orelhas* (1832) de Joaquim Norberto de Sousa Silva. É portanto, uma das primeiras ficções históricas da Literatura Brasileira.

AS INVASÕES NAPOLEÓNICAS NO ROMANCE HISTÓRICO PORTUGUÊS DE OITOCENTOS

Maria Cristina Pais Simon
UNIVERSITE SORBONNE NOUVELLE – PARIS 3

Com base num corpus constituído por *O Sargento Mor de Vilar* (1863) e *O Segredo do Abade* (1864) de Arnaldo Gama; *A Casa dos Fantasmas* (1865) de Rebelo da Silva e *O*

Amor da Pátria – Romance Original Marítimo (1879) de Gomes de Amorim, pretendemos nesta comunicação analisar a visão, a interpretação e a escrita das invasões napoleônicas no romance histórico português de oitocentos.

ASPECTOS DO ROMANCE HISTÓRICO EM JOSÉ DE ALENCAR

Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante Ribeiro
PUC-GO

Esta comunicação tem por propósito inicial a discussão do conceito de romance histórico; em seguida, comenta aspectos do gênero no romance *A Guerra dos Mascates* de José de Alencar. Após isso, são discutidos pontos de convergência e inflexão entre o campo da literatura e da história em José de Alencar.

A RECEPÇÃO DO ROMANCE HISTÓRICO O ARCO DE SANT'ANA NOS PERIÓDICOS PORTUGUESES DO SÉCULO XIX

Maria do Rosário Alves Moreira da Conceição
UERJ

A proposta deste artigo é apresentar a recepção do romance histórico *O arco de Sant'Anna*, de Almeida Garrett, nas publicações periódicas portuguesas da época, relacionando-a ao panorama político de Portugal e às questões mais intrínsecas deste romance. Este período foi de verdadeira instabilidade política e marcaram o início do constitucionalismo em Portugal (1834-1851) e os rumos do liberalismo serão postos sobre a mesa. Os artigos que foram selecionados, a respeito desta obra, compreendem o período de 1845-1851. Para verificar como ocorreu esse processo, selecionei alguns periódicos que julguei serem importantes, no que diz respeito, ao período político estudado. Esta seleção foi feita a partir de algumas referências que Gomes de Amorim, principal biógrafo de Garrett, fez em *Memórias biográficas*.

A IDEALIZAÇÃO DO PODER NA FICÇÃO HISTÓRICA DE HERCULANO E GARRETT

Maria Helena Santana
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A idealização da Idade Média constitui, como é sabido, um dos traços mais marcantes do romance histórico oitocentista. Mais do que a nostalgia de modos de vida ancestrais, são as formas de participação na vida pública e de exercício do poder (o heroísmo individual) que exercem um certo fascínio na época romântica: o poder emana do povo e polariza-se na figura de um líder que encarna a alma e a vontade coletivas. Esta nostalgia da antiga comunidade local, autodeterminada e voluntarista é comum a muitos escritores românticos mas também surpreende num país como Portugal, com tradição de abertura ao mundo e que então se adaptava a um regime mais cosmopolita e moderno. Procuraremos refletir sobre esta temática centrando-nos na ficção de Alexandre Herculano e Almeida Garrett, dois escritores fortemente politizados e pioneiros do romance histórico português.

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO ENTRE A HISTÓRIA E A FICÇÃO

Maria Lúcia Dias Mendes
UNIFESP

Mais conhecido como o autor do célebre romance *A Moreninha*, Joaquim de Manuel de Macedo manteve uma estreita ligação com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, participando ativamente das discussões relacionadas à escrita da História. Além disso, professor do Colégio Pedro II, escreveu dois manuais para o ensino da disciplina que, por sua abordagem inovadora, foram adotados também para os alunos de outros colégios. Nessa comunicação, discutiremos como Macedo, a partir da estrutura do romance histórico romântico e de sua experiência com a escrita e a reflexão sobre a História concebe o romance histórico *As mulheres de mantilha* (1871).

A HISTÓRIA DE PORTUGAL NO CINEMA DE MANOEL DE OLIVEIRA. TESTEMUNHO VISUAL DE UM CAMILIANO

Maria do Rosário Lupi Bello
UNIVERSIDADE ABERTA

O cineasta português Manoel de Oliveira manifestou sempre a sua profunda admiração pelo novelista romântico Camilo Castelo Branco, com o qual demonstrou partilhar um idêntico sentimento existencial e uma semelhante visão da História de Portugal. Tal facto teve repercussões explícitas na obra do realizador, tanto de modo directo - através da adaptação de algumas novelas do escritor oitocentista, como é o caso de Amor de Perdição, ou do tratamento de aspectos ligados à sua vida, como em Francisca e O Dia do Desespero - quanto de forma indirecta - através de um específico olhar sobre a História de Portugal, que perpassa toda a sua obra e se exprime particularmente em filmes como Non ou a vã glória de mandar, Palavra e Utopia, Um filme falado, O Quinto Império e Cristóvão Colombo. Nesta comunicação pretendemos analisar as relações, implícitas e manifestas, que se estabelecem entre o escritor e o realizador, tanto no âmbito conceptual quanto até no teor estético das respectivas obras, salvaguardadas as diferenças formais e de época, com vista a avaliar acerca da visibilidade de uma eventual herança de valores e motivos do romance histórico camiliano no filme histórico oliveiriano.

FICCIONALIZAÇÕES DA GUERRA DOS FARRAPOS

Marilene Weinhardt
UFPR

O evento histórico conhecido como Guerra dos Farrapos foi eleito como assunto de mais de uma dezena de romances, em publicações que se estendem desde época muito próxima ao fim da luta até a contemporaneidade. Vários fatores contribuem para essa exuberância, passando pela intensidade da produção ficcional gaúcha e pela sugestividade de luta armada, que durou dez anos, com líderes cujas trajetórias por si são capazes de sustentar nutrido enredo. A abordagem do conjunto é rentável, além de propiciar a reflexão a respeito do próprio percurso, para observar mais de uma

ordem de paralelismo: com os modelos importados; com a produção nacional ao longo do tempo; com os conceitos do discurso histórico em cada época.

REPETIÇÃO E (POUCA) DIFERENÇA EM ESAÚ E JACÓ, DE MACHADO DE ASSIS

Marli Fantini
UFMG

O objetivo central deste trabalho é demonstrar que o cenário de *Esaú e Jacó* (1904), penúltimo romance de Machado de Assis, se desenrola em um palco desdobrável que mescla ficção e história, onde se encenam os últimos estertores do Império português no Brasil. Os substratos históricos do romance datam-se nas últimas décadas do século XIX e se situam no Rio de Janeiro, capital do Império português no Brasil. Nesse contexto, despontam inumeráveis mudanças que se mostram, contudo, precárias, provisórias, ineficazes. Incapazes, portanto, de livrar o Brasil da estagnação socioeconômica e da corrupção política. Esse cenário é vislumbrado pela ótica cosmopolita e irônica do conselheiro Aires, ex-diplomata do Brasil no exterior que, após 30 anos, retorna à “Corte”. Entre a ficção e a história, o romance de 1904 constrói, nos primórdios de uma “República de fachada” uma alegoria fundacional de um Brasil cuja história se dota de muitas repetições e muito poucas diferenças

A REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA E LITERÁRIA EM ESAÚ E JACÓ

Marli Lobo Silva
PUC-GO

O presente artigo tem como objetivo discutir os aspectos históricos aludidos no romance *Esaú e Jacó* e como esses aspectos se reveste no processo de transfiguração literária. Para isso tomamos como ponto de partida o viés histórico do texto machadiano e sua representação dentro de um contexto ideológico, contexto esse, em que as transformações históricas perpassam as dimensões do que essa representação permite abranger na obra e fora dela. Assim, é nesse sentido que se

discutirá como se dá a presença dos fatos históricos no romance e como estes se constituem como representação literária, pois se a literatura reflete o homem em um determinado período histórico, então Esaú e Jacó representa a forma como história e ficção se intercruza e como ambas podem coadunar-se no tocante às suas transformações estéticas e ideológicas. Dessa forma, buscar-se-á neste estudo versar sobre o papel que os fatos históricos assumem no romance e sua função quando inseridos na ficcionalidade.

AMANHÃ, ALÉM DE UM RELATO HISTÓRICO

Moisés Baldissera da Silva
UNESP

O romance *Amanhã* (1901), de Abel Botelho, foi escrito entre novembro de 1894 e junho de 1895. Nesse período ocorriam intensas discussões sobre os movimentos sociais em Portugal, entre eles o anarquismo, predominante no romance. Nos poucos estudos realizados sobre a obra *Amanhã* a ênfase é dada à sua veracidade histórica, com a representação de algumas manifestações que aconteceram na História de Portugal. Com esta apresentação procuramos apresentar como as manifestações históricas estão presentes no romance, e acrescentar que mais do que um relato histórico, ou um romance típico naturalista, a obra é cheia de nuances narrativas.

EDUARDO DE NORONHA: O GUIA DE MATO GROSSO

Norma Wimmer
UNESP

Em 1909, Eduardo de Noronha (Lisboa 1859-1948) publicou, pela França Amado, de Coimbra, o romance histórico "O Guia de Mato Grosso. Episódio da Guerra do Paraguai conforme o interessante livro do escritor brasileiro d'Escragolle Taunay, *A retirada da Laguna*". O próprio subtítulo evidencia o trabalho intertextual desenvolvido pelo romancista português. Verificar os procedimentos adotados por

Noronha para a realização dialógica com o texto de Taunay constitui o objetivo da comunicação a ser apresentada.

O ROMANCE HISTÓRICO PELA TIPOGRAFIA DO *JORNAL DO COMMERCIO*: A PUBLICAÇÃO DE PEREIRA DA SILVA EM FOLHETIM E LIVRO

Odair Dutra Santana Júnior
UNESP

Ao consultar os acervos da Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro, da Biblioteca Mário de Andrade, de São Paulo, e da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, também de São Paulo, encontramos em suas coleções 27 prosas ficcionais publicadas pela tipografia do *Jornal do Commercio* entre 1836 e 1863, das quais vinte foram publicadas anteriormente no jornal no espaço do folhetim. Notamos, por esses títulos, que, além do espaço do folhetim, o jornal brasileiro importou muitos autores da França, já que dos 18 autores presentes, quinze nomes são franceses, enquanto apenas um é brasileiro: João Manuel Pereira da Silva. Pereira da Silva (1817-1898) exerceu muitas ocupações políticas durante sua vida – foi deputado provincial, senador e conselheiro titular do Império -, porém não deixou de dedicar-se à escrita, principalmente à escrita da história e de romances históricos. Nesta comunicação, apresentaremos a obra desse autor, destacando os seus romances históricos que foram publicados pelo folhetim do *Jornal do Commercio* (*O aniversário de D. Miguel* em 1828, publicado em 1839; *Religião, amor e pátria*, divulgado pelo jornal também em 1839; e *Jerônimo Corte-Real*, publicado em 1840) e posteriormente reimpressos em volume pela tipografia do jornal.

O PROBLEMA DO DILETANTISMO E A “TENTAÇÃO” DO ROMANCE HISTÓRICO EM EÇA DE QUEIROZ

Orlando Grossege
UNIVERSIDADE DO MINHO

“Reaparece então o latente e culpado apetite do romance histórico” – esta frase muito citada surge na carta de 15 de junho de 1885, no contexto da escrita de *A Relíquia* que levou Eça de Queiroz a consultar obras de Geografia e História para poder recriar com rigor o mundo coevo de Jesus, cumprindo a abordagem positivista de *La Vie de Jésus* (1863) de Ernest Renan. Com o sonho ‘realista’ de Teodorico transfere-se o problema do diletantismo, exemplificado por Paul Bourget em *Essais de psychologie contemporaine* (1883) precisamente em Ernest Renan, para outras épocas. Este experimento deve-se relacionar com a leitura crítica de *Tancred or the New Crusade* (1847) de Benjamin Disraeli por parte de Eça (comentada em *Cartas de Inglaterra*, 1882). O que aparece em *A Relíquia* como anacronismo em diálogo com um Teodorico incapaz para um “descarado heroísmo de afirmar” no presente, surge de novo com *A Ilustre Casa de Ramires* (1897-99), desta vez decididamente aplicado à questão da decadência de Portugal. O diletantismo de Gonçalo é analisado através da sua própria reescrita de um passado heroico. Esta nova ‘tentação’ do romance histórico deve ser visto em diálogo com a mudança de Oliveira Martins, da *História de Portugal* para a biografia de heróis, capazes de salvar a nação através da sua vontade (*A vida de Nun’Álvares*, 1893). O denominador comum entre *A Relíquia* e *A Ilustre Casa de Ramires* é a discussão da *maladie de la volonté* (Bourget): no segundo caso, surge uma funcionalização tipicamente finissecular do modelo do romance histórico.

O INDESEJADO: CAMILO, SENA E O ANTI-SEBASTIANISMO

Orlando Nunes de Amorim
UNESP

Ao encerrar a nota final da sua tragédia *O indesejado* (*António, rei*), publicada em 1951, Jorge de Sena pondera: "A Camilo, António Caetano de Sousa e tantos outros, a existência da peça que me ajudaram a imaginar, creio-a suficiente agradecimento..." No caso de Camilo Castelo Branco, o agradecimento "por interposta pessoa" que a peça de Sena é remete, sem dúvida, ao romance histórico *O senhor do paço de Ninães*, publicado em 1867. Com efeito, os quatro atos da tragédia apresentam um paralelo significativo com os capítulos centrais do romance, em que avulta a figura de D.

António, Prior do Crato, tanto de uma perspectiva histórica quanto de uma perspectiva ideológica. É como se o anti-sebastianismo evidente da peça seniana iluminasse, em retrospectiva, o anti-sebastianismo do romance camiliano, praticamente ignorado pela crítica à época (anos 1940-50). Este trabalho pretende destacar e analisar essas relações entre *O indesejado (António, rei)* e *O senhor do paço de Ninães*, considerando o modo como Camilo e Sena se apropriam de um determinado passado histórico para interrogar os seus respectivos presentes históricos, segundo uma perspectiva anti-sebástica.

ENTRE RIOS E RUÍNAS: JOSÉ DE ALENCAR LEITOR DE ALEXANDRE HERCULANO

Osmar Pereira Oliva
UNIMONTES

Em seu breve livro *Como e por que sou romancista*, José de Alencar rebate a crítica que apontava a imitação e a filiação de *O guarani* a *The Last of the mohicans*, do norte-americano Fenimore Cooper. Para o romancista brasileiro, o que se precisa examinar em sua narrativa é se as descrições de *O guarani* têm algum parentesco ou afinidade com as descrições de Cooper, mas isso não fazem os críticos, porque dá trabalho e exige que se pense. Alencar declara ter lido Cooper e Chateaubriand, mas o seu grande livro de inspiração foi a exuberante natureza pátria. Ainda hoje, muitos estudos se desenvolvem repetindo as aproximações entre Alencar e Cooper ou entre Alencar e Chateaubriand. No entanto, em releituras do romance *Eurico, o presbítero*, de Alexandre Herculano, podem-se perceber parentescos e afinidades no tom grandiloquente dos narradores ao descreverem a natureza, as edificações e as ruínas, e os rios Sália (de Portugal) e o Paquequer (do Brasil). Este trabalho pretende, pois, apontar algumas semelhanças nessas descrições e propor o parentesco estético nesses dois romances históricos.

DE CAMILO A ALENCAR, PASSANDO POR GARRETT: A MORTE DE PORTUGAL

Paulo Motta Oliveira
USP

Tanto *O senhor do Paço de Ninães* de Camilo Castelo Branco como *O Guarani* de José de Alencar têm enredos que se passam na mesma época: após o desaparecimento de D. Sebastião, do curto reinado de seu avô, o cardeal D. Henrique e da malfadada tentativa do Prior de Catro de assumir o trono português, no lugar de Felipe II de Espanha. O objetivo de nosso texto é refletir como ambos os livros, de formas diversas, mas em certo sentido complementares, elaboram a morte do Portugal da geração de Avis e das grandes navegações.

O DOCUMENTALISMO COMO UMA DAS TÉCNICAS REPRESENTACIONAIS REALISTAS NO ROMANCE HISTÓRICO BRASILEIRO

Paulo Ricardo Moura da Silva
UNESP

É recorrente a compreensão do conceito de realismo, no âmbito dos estudos literários, como representação fiel, translúcida e objetiva da realidade sociocultural, em consonância com o projeto estético-ideológico do movimento realista-naturalista de fins do século XIX, mesmo que seja para se referir a obras literárias produzidas ao longo do século XX e XXI. Nesse sentido, as fronteiras entre realismo e documentalismo estão de tal modo borradas que aparentemente não haveria grandes distinções entre ambos, uma vez que o realismo teria o compromisso estético e ético de documentar, em termos representacionais, os aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos e históricos. Porém, como Ian Watt (2010) indica ao refletir sobre as relações entre o realismo e o gênero romanesco, o realismo é um conjunto de técnicas representacionais que coloca em cena a experiência humana e, por isso, vai para além do registro literário da realidade sociocultural. Nesses termos, discutiremos, a partir do romance histórico brasileiro do século XIX, as relações entre o realismo e o

documentalismo, enquanto técnica representacional, afim de buscarmos refletir sobre o que seria o documental no âmbito do romance, sobretudo do romance histórico.

A PERSPECTIVA FICCIONAL DA HISTÓRIA A PARTIR DO NARRADOR DE *O SENHOR DO PAÇO DE NINÃES*

Patrícia da Silva Cardoso
UFPR

A propósito da novela camiliana de temática histórica, Jacinto do Prado Coelho observa que Camilo “carecia dum estudo sistemático e duma visão orgânica da História, em sincronia e diacronia, para concretizar na sua obra o ideal romântico da História como ressurreição do passado”. No entanto, o leitor que passe os olhos pelo início de *O senhor do paço de Ninães* tende a ponderar se seria realmente “o ideal romântico da História” o que orientava Camilo em suas incursões pela ficção histórica, pois tudo ali sugere o esforço do narrador por quebrar qualquer expectativa de seu leitor relativamente àquele ideal romântico, mostrando-lhe o grande fosso que separa o passado do presente. Esta comunicação discutirá a atitude de tal narrador, partindo da hipótese de que o interesse de Camilo naquele romance foi menos o de ressuscitar o passado e sim o de marcar a diferença entre a dicção ficcional e a historiográfica.

UM FLIRT QUEIROSIANO COM O ROMANCE HISTÓRICO: A RELÍQUIA, O ORIENTALISMO E A CRÍTICA DA CIVILIZAÇÃO OITOCENTISTA

Pedro Schacht Pereira
THE OHIO STATE UNIVERSITY

De novela neo-picaresca a brevíário anti-clerical, várias têm sido as leituras propostas para esta obra central do cânone queirosiano. Nesta apresentação procurarei mostrar as relações íntimas que a escrita romanesca de Eça de Queirós estabelece em *Relíquia* entre a busca da forma, o orientalismo enquanto mecanismo crítico do imperialismo europeu e uma visão desassombrada do destino burguês da civilização europeia.

O GUARANI EM FRANÇA E NA ITÁLIA

Philippe Simon
UNIVERSITÉ DE PARIS – SORBONNE

Propomos analisar o "destino" do romance *O Guarani* de José de Alencar em França e na Itália considerando em primeiro lugar as traduções e adaptações e avaliando a sua difusão. Por outro lado, estudaremos diacrônica e contrastivamente a visão do romance que é apresentada ao "grande público" por jornais de ampla circulação desde o século XIX (em França *Le Figaro*; na Itália *Corriere della Sera*) e por obras de divulgação como histórias da literatura, dicionários enciclopédicos (em França: *La Grande Encyclopédie*, os *Dicionários Larousse*, *Encyclopedia Universalis*; na Itália *Enciclopedia Treccani*, *Enciclopedia Garzanti* entre outras) até Wikipédia.

SOB O SIGNO DE AHASVERUS: A REPRESENTAÇÃO DOS JUDEUS NO ROMANCE HISTÓRICO DE JOSÉ DE ALENCAR

Rafaela Mendes Mano Sanches
UNICAMP

Este trabalho analisa as representações do povo judeu no romance histórico *As Minas de Prata* (1865), de José de Alencar, a partir da imagem histórica dos israelitas como povo errante e marginal, cuja condição de apátrida oferece um desafio aos ideais identitários da nação. Considerando-se os propósitos do romance de Alencar de reconstruir o ambiente do século XVII, como forma de investigar as origens da nação brasileira, marcada pelo catolicismo e pela miscigenação, o judeu surge como elemento de crise, por professar uma religião distinta do cristianismo e pertencer a um grupo-étnico estigmatizado. Consonante com o discurso antissemita de longa tradição na literatura do ocidente, a narrativa das *Minas* fixa as imagens do judeu como traidor, conspirador e contrabandista. Com efeito, a produção da obra alencariana entre os anos de 1862 e 1865 está em processo dialógico com outras manifestações artísticas e literárias que ajudam a configurar os estereótipos que cerceiam o imaginário sobre os hebreus, dentre as quais se destacam o romance-

folhetim *O Judeu Errante* (1844), de Eugéne Sue, e o romance histórico *Calabar*(1863), de Mendes Lealobras de considerável circulação junto à imprensa fluminense da época. *As Minas de Prata* trazem para o âmbito da literatura brasileira as ideias expressas pelos romances estrangeiros que associam o judeu à maldição e à conspiração. O romance de Alencar, embora imbuído de intenções históricas e verossímeis, é sensível à imagem mítica dos judeus, colocando suas personagens hebraicas sob o signo de Ahasverus, o judeu amaldiçoado à errância eterna que concentrou a desconfiança das ideologias civilizatórias ocidentais em torno dos israelitas.

O ROMANCE HISTÓRICO NO PIAUÍ: *ATALIBA, O VAQUEIRO DE FRANCISCO GIL CASTELO BRANCO*

Raimunda Celestina Mendes da Silva
UESPI

Francisco Gil Castelo Branco escreveu *Ataliba, o vaqueiro* em 1878, em forma de folhetim no Diário de Notícias do Rio de Janeiro. A seca é o tema da narrativa. A diegese se firma com material de origem regionalista. A literatura da seca apresenta variadas fases em que se percebe sempre o diálogo entre História e ficção, muitas vezes exacerbando a problematização percorrida, quer pela literatura, quer pela História. Através do drama das personagens Teresinha e Ataliba, chegam aos brasileiros do sul do país informações sobre a realidade brasileira, mais precisamente sobre o Ceará e o Piauí. A tragédia é filtrada pelos olhos do narrador, que apresenta ao público uma narrativa curta, recheada de artifícios que minimizam o choque, ao exhibir um Brasil tão diferente daquele do Rio de Janeiro. Conhecido como o primeiro romance no Brasil a tratar do tema da seca, *Ataliba, o vaqueiro* antecipa as marcas do romance de 30, em que se destacam escritores como Graciliano Ramos, Jorge Amado, Raquel de Queiroz, José Lins do Rego, Érico Veríssimo, Cyro Martins. Sua narrativa é verossímil e o percurso do autor revela sua importância na produção literária piauiense.

DISSONÂNCIAS DOS COMPORTAMENTOS PADRÕES FEMININOS EM PERSONAGENS DE MARTINS PENA

Renan Carvalho da Silva
José Alonso Torres Freire
UFMS

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a maneira como a configuração das personagens femininas das obras *O Juiz de Paz da Roça* (1833), *O Noviço* (1845) e *Quem Casa, Quer Casa* (1845), todas do comediógrafo Martins Pena, fogem do padrão subalterno imposto ao gênero feminino no contexto histórico do século XIX. Para tanto, utilizaremos como suporte teórico as obras *Martins Pena, uma introdução* (2000), de Barbara Heliodora, *Panorama do Teatro Brasileiro* (2014), de Sábado Magaldi, *A Condição Feminina no Rio de Janeiro Séc. XIX* (1984), de Míriam Moreira Leite, *Comédias de Martins Pena* (Edição Crítica, s/d), de Darcy Damasceno, entre outras. Toda obra literária pode ser considerada como representação de uma visão pessoal de determinado contexto histórico e, apesar de não haver compromisso com a fidelidade ao real, as peças de Martins Pena sempre foram consideradas pelos críticos como sendo quase documentais em relação aos costumes da época. No entanto, vale destacar o inesperado controle que certas personagens femininas exercem em relação aos homens e também o papel central que ocupam no desenrolar da trama, e isso em um século em que o feminino devia subserviência à figura do homem, seja o pai seja o marido, como veremos. Este trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla, no âmbito da Iniciação Científica, que visa analisar a apresentação e a atuação das personagens femininas nas três comédias citadas.

JOSÉ DE ALENCAR ENTRE A HISTÓRIA E A SÁTIRA

Ricardo Russano dos Santos
USP

Em 1873-4, o já consagrado José de Alencar publicou em dois volumes *Guerra dos Mascates*, romance histórico ambientado na Pernambuco colonial do início do XVIII. O enredo trazia os eventos imediatamente anteriores ao conflito que, após a publicação

do livro alencariano, passaria a se chamar “Guerra dos Mascates”; entretanto, contrariamente ao restante da obra de Alencar, esse romance subverte a historiografia em prol da comédia e, no limite, rebaixa a história nacional a partir da sátira desse episódio colonial pernambucano. Busca-se, nessa apresentação, analisar a obra em questão a partir dos preceitos românticos sobre o romance histórico – e daqueles defendidos pelo próprio Alencar. Para auxiliar tal análise, o livro *Guerra dos mascates* será analisado a partir da obra alencariana e do seu lugar nessa obra, que chegou a ser definida pelo próprio autor em seu prefácio “Bênção paterna”. Com isso, será possível discutir melhor se esse romance de Alencar é ou não histórico, caráter que lhe foi negado por diversos críticos importantes.

CONFLUÊNCIAS

ENTRE O ROMANCE HISTÓRICO DE JOSÉ DE ALENCAR E A NARRATIVA DA HISTÓRIA DE EUCLIDES DA CUNHA

Ricardo Souza de Carvalho
USP

No século XIX, o reconhecimento do romance histórico, a partir da obra de Walter Scott, estimulou muitos historiadores a buscarem nessa modalidade de ficção um parâmetro para uma narração mais “viva” e “colorida” do passado. Esse entrecruzamento entre a prosa de ficção e a prosa histórica pode ser verificado no Brasil, onde, ao lado de Scott, José de Alencar tornou-se uma referência tanto para o romance histórico, quanto para a narrativa da história, neste caso, ao menos para Euclides da Cunha n’*Os Sertões*. Além de procedimentos comuns na reconstituição de cenas e de personagens, Euclides vinculou-se a uma narrativa da formação da nação proposta no romance *O Guarani*.

**DOIS SÉCULOS DO ROMANCE HISTÓRICO PORTUGUÊS:
A LEITURA DA HISTÓRIA EM *O BOBO*,
DE ALEXANDRE HERCULANO
E EM *HISTÓRIA DO CERCO DE LISBOA*, DE JOSÉ SARAMAGO**

Rogério Max Canedo
UFG

Desde a entrada da Modernidade, o romance apresentou fortemente um contato entre a literatura e a história. O gênero em questão foi, desde o seu surgimento, responsável por reconstruir esteticamente os acontecimentos que gerenciam a vida do homem, possibilitando “descobrir e construir, pela forma, a totalidade oculta da vida” (LUKÁCS, 2000). Mais particularmente, coube ao romance histórico, modelo iniciado com Walter Scott, nas primeiras décadas do século XIX, o projeto de recuperação das principais movimentações históricas de época, conjugando na produção ficcional as forças públicas e privadas que movimentam a vida do povo, segundo a teoria do romance histórico (LUKÁCS, 2011). Na segunda metade do século XX, momento de novo fôlego do gênero ficcional de extração histórica, outras categorias de produção e captação da realidade histórica entram em cena (ANDERSON, 2011; EAGLETON, 1999; JAMESON, 2011; MATTA INDURAÍN, 1995; MÁRQUEZ RODRIGUES, 1991; MENTON, 1993), promovendo um novo olhar do romancista sobre o trabalho com o factual. Buscamos, a partir da teoria do romance histórico de György Lukács e do desdobramento desse modelo narrativo, no segundo turno do século XX, compreender a maneira como dois importantes romances históricos portugueses, *O bobo*, de Alexandre Herculano (1843) e *História do Cerco de Lisboa* (1989) realçam o fato histórico, produzindo romances históricos diferentes entre si, mas fundamentalmente alicerçados em uma das premissas fulcrais do gênero: a presentificação do passado e a percepção complexa, ampla e questionadora das movimentações sociais do homem.

GONÇALO RAMIRES E FRADIQUE MENDES ÀS VOLTAS COM A ESCRITA DA HISTÓRIA

Rosana Apolonia Harmuch
UEPG

Os romances *A ilustre casa de Ramires* e *A correspondência inédita de Fradique Mendes* constituem o recorte escolhido para este texto. Nos dois, Eça de Queirós discute a feitura do romance histórico. No primeiro, temos um personagem efetivamente redigindo, no segundo, Fradique, em carta a Eça de Queirós, problematiza as relações entre o romance histórico e a imaginação.

IMAGENS PARA UM ROMANCE HISTÓRICO: IDENTIDADE NACIONAL EM FANTASIAS BI E TRIDIMENSIONAIS

Sandra Leandro
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

No momento em que a ficção gráfica, pictórica ou escultórica se encontrou com o romance histórico e com a demanda que se pretendia mobilizadora da identidade nacional, que histórias contaram as imagens? Que representações plásticas foram criadas para esse género literário em Portugal desde o Romantismo? O que fez a gravura e a ilustração pela popularização do romance histórico? Que pintores e escultores se dedicaram ao tema? Que obras captivaram a atenção do público em Oitocentos e em perspectiva comparada? São algumas perguntas a que tentaremos dar resposta.

ROMANCE HISTÓRICO E FICÇÃO CAMILIANA

Sérgio Paulo Guimarães de Sousa
UNIVERSIDADE DO MINHO

É ideia assente que o grande novelista Camilo não se consegue desfazer da sua faceta de escritor imbuído de imaginação na hora de escrever narrativas de pendor histórico. Ou seja, a contextualização da ação das narrativas em épocas históricas não surge

devidamente acompanhada por um cuidadoso processo de historicização das mesmas, já que o novelista não se inibe nessas narrativas de fazer o que faz nas novelas sentimentais localizadas no séc. XIX (as personagens, por exemplo, comportam-se como se tivessem saído do enredo de uma qualquer outra novela de Camilo situada em Oitocentos, carecendo de especificidade epocal). Se esta crítica não deixa de ser pertinente, é-o, em boa verdade, apenas até certo ponto. Porque, em rigor, Camilo não deixa de fazer acompanhar os seus relatos ficcionais de abundante documentação histórica. Se essa documentação não é em todos os casos devidamente recriada, não deixa de existir e de integrar o texto. Procuraremos refletir sobre esta questão, tendo por base diversos textos (*Luta de Gigantes, O Santo da Montanha, O Judeu, O Senhor dos Passos de Ninães, O Regicida, A Filha do Regicida, A Caveira da Mártir*), por forma a reenquadrarmos a definição de romance histórico no seio da ficção camiliana.

O ROMANCE HISTÓRICO SEGUNDO AGUSTINA BESSA-LUIS: OS CASOS DE SANTO ANTÓNIO (1979) E A MONJA DE LISBOA (1985).

Silvana Maria Pessôa de Oliveira
UFMG

Através da leitura crítica de *Santo António* (escrito à moda da hagiografia) e da biografia *A monja de Lisboa*, ficções de Agustina Bessa-Luis que têm por foco, no primeiro caso, a vida de Santo António de Lisboa e, no outro, a história de sóror Maria da Visitação, acusada de charlatanismo, procura-se analisar as relações seja de semelhança seja de diferença estabelecidas, em ambos os textos, com o romance histórico. Cumpre destacar que no caso de *A monja de Lisboa* utilizar-se-á, como ponto de partida para a análise crítica, o aproveitamento que Agustina faz da novela *As virtudes antigas, ou, a freira que fazia milagres, e o frade que fazia reis*, de Camilo Castelo Branco.

MEMÓRIAS DA MALANDRAGEM NA FICCIONALIZAÇÃO DA HISTÓRIA BRASILEIRA: *O CHALAÇA* (1994) E *ERA NO TEMPO DO REI* (2007)

Stanis David Lacowicz
UFPR

Em seu processo de releitura da história, é procedimento comum aos romances históricos contemporâneos a apropriação ostensiva e muitas vezes explícita de elementos do imaginário cultural e literário, configurando uma textualidade aberta em que se tornam porosas as fronteiras entre as obras e os discursos. Nesse sentido, buscaremos analisar a maneira pela qual os romances *O Chalaça* (1994), de José Roberto Torero, e *Era no tempo do rei* (2007), de Ruy Castro, ao relerem a figura de D. Pedro I e da história brasileira, se apropriam da figura literária do malandro, dialogando intertextualmente com o romance *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida. O romance de Torero narra acontecimentos da vida de D. Pedro a partir da perspectiva de Francisco Gomes da Silva, seu amigo e secretário particular, englobando o período entre 1808 e 1834. O romance de Ruy Castro, por sua vez, recria ficcionalmente a infância de D. Pedro, quando ele teria conhecido e se tornado amigo daquele que, no texto, passa a ser considerado o seu duplo: o menino Leonardo Pataca, evidenciando-se a intertextualidade com o romance de Manuel Antônio de Almeida. Desse modo, por meio da reinscrição das *Memórias da malandragem*, em um discurso metaficcional e carnavalizante, esses romances releem a literatura e a história, problematizando as suas relações e permitindo discutir o entrelaçar de ambas com a cultura.

A HISTÓRIA EM *DOM CASMURRO*: A POLÍTICA DO FAVOR E O ALCOVITEIRO

Suélien Silva Varela
José Alonso Torres Freire
UFMS

Ao escolher um clássico da Literatura Brasileira para pesquisa, já se tem em mente tratar-se de um objeto com vasta fortuna crítica, principalmente com relação à obra

Dom Casmurro (publicada em 1899), de Machado de Assis, que é nosso foco neste trabalho. No entanto, se, em geral, o centro das análises que se faz do romance de Machado de Assis é ocupado pela personagem principal, no caso Capitu, deslocamos o olhar para analisar a personagem alcoviteira secundária, José Dias, que é fundamental no romance, buscando desvelar a influência que exerce sobre os demais personagens, sendo, por isso mesmo, um símbolo da política de favor analisada por Roberto Schwarz. Com relação a esse alcoviteiro, podemos afirmar que sua característica principal é o uso das informações que possui em favor dos seus próprios interesses. Dessa forma, como buscaremos demonstrar, o Agregado deseja ser reconhecido socialmente e não mede esforços para isso, utilizando de várias artimanhas para mostrar a sua importância naquele meio familiar, no qual, mesmo não se encaixando formalmente, ganha uma posição de “conselheiro” e, assim, a possibilidade de acesso praticamente irrestrito, o que lhe dá algum poder. Como a obra já conta com vários estudos, adotaremos como suporte teórico e crítico básico, o clássico *Formação da Literatura Brasileira* (2007), de Antônio Candido, referência sobre a literatura nacional até o advento de Machado de Assis, além de trabalhos críticos específicos sobre o autor, tais como os de Roberto Schwarz, *Ao vencedor as batatas: formas literárias e processo social nos inícios do romance brasileiro*, e *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis* (2000), ensaios como “Esquema de Machado de Assis”, da obra *Vários Escritos* (2004), de Antonio Candido, “Uma figura machadiana”, de Céu, *Inferno* (1988), de Alfredo Bosi, além do dossiê “Releituras de Machado de Assis”, de *Escritos da Maturidade* (1994), de Lúcia Miguel Pereira, entre outros.

**COUSAS FUTURAS E PASSADAS:
HISTÓRIA E RELIGIÃO
EM ESAÚ E JACÓ, DE MACHADO DE ASSIS**

Tiago Ferreira da Silva
UNB

A partir da relação entre forma literária e processo social, e considerando as peculiaridades que o romance histórico assume nas literaturas de países periféricos,

procura-se analisar o romance *Esaú e Jacó*, penúltimo romance de Machado de Assis, a partir da articulação entre o motivo religioso e a representação dos fatos históricos que compõem o Brasil no final do século XIX. A proposta deste estudo é pensar de que modo a presença da religião, nesse romance, contribui para a sua eficácia estética e também para os questionamentos e reflexões levantados pelo autor em relação à História e à realidade brasileiras, notadamente a transição do Império para a República. Embora não apresente os elementos tradicionais do romance histórico europeu, esta obra de Machado de Assis permite uma profunda análise da realidade nacional, sobretudo pelo entrelaçamento entre o elemento humano e a História, trespassados pelo fio da religião, princípio estruturante da narrativa. Desse modo, discute-se a possível relação entre velho e novo, entre o contexto bíblico que serve de mote à narrativa e o contexto histórico brasileiro do final do século XIX. Além dessas questões, a análise se volta também para a figura do Conselheiro Aires -narrador e personagem-, que, com seus registros e anotações sobre fatos e pessoas, permite pensar *Esaú e Jacó* como uma narrativa “histórica” no contexto da produção machadiana.

GUERRA DOS MASCATES E O ENSIMESMAMENTO DA NARRATIVA HISTÓRICA

Ulisses Infante
UNESP

Manuel Cavalcanti Proença considera Guerra dos mascates – Crônica dos tempos coloniais “um momento de alegria descontraída na longa e tensa jornada literária de José de Alencar”. Um tal juízo explicita a carga de humor dessa narrativa histórica que, diferentemente de *O guarani* e *As minas de prata*, adota a sátira como procedimento estruturador básico. Há que considerar, no entanto, que a alegria neste caso não se distancia da melancolia, já que é nítida a opção pelo entrelaçamento de um fio narrativo melodramático – os amores entre D. Leonor Barbalho e Vital Rebelo – a outros marcadamente burlescos em que surgem ninfas envelhecidas, armaduras enferrujadas, poetas venais, governantes tíbios. Dessa aproximação resulta um questionamento da própria forma de romance histórico praticada por Alencar na sua

produção anterior, cuja grandiosidade de propósitos é agora substituída por uma investigação de miudezas e mesquinhas cotidianas e sua relação com o que seriam os grandes acontecimentos históricos. O objetivo deste trabalho é analisar como se dá esse processo em *Guerra dos Mascates*, que, talvez por de fato ter surgido como um romance à clef, dedica-se a um esmiuçamento das motivações menores dos ditos agentes históricos, o que gera uma narrativa que se volta sobre si mesma quando evidencia a impossibilidade de se alcançar o épico na realidade do Brasil Imperial.

USP



CELP



PPGECLLP



PPGL PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO
UNESP/IBILCE EM LETRAS

unesp



FAPERP
Fundação de Apoio à Pesquisa e
Extensão de São José do Rio Preto



FAPESP